



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

RAFAELA DOS SANTOS PINTO

**ESTUDAR A HISTÓRIA DE UM QUILOMBO É UMA FORMA DE RESISTIR:
ESTUDO DE CASO MURUMURUTUBA-PA**

SANTARÉM-PA

2023

RAFAELA DOS SANTOS PINTO

**ESTUDAR A HISTÓRIA DE UM QUILOMBO É UMA FORMA DE RESISTIR:
ESTUDO DE CASO MURUMURUTUBA - PA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia, para obtenção de grau de Bacharel em Arqueologia. Universidade federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade

Orientadora Dra. Anne Rapp Py-Daniel

SANTARÉM-PA

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

P659e Pinto, Rafaela dos Santos
Estudar a história de um quilombo é uma forma de resistir: estudo de caso Muru-
mutuba – Pa. / Rafaela dos Santos Pinto. – Santarém, 2023.
81 p. : il.
Inclui bibliografias.

Orientadora: Anne Rapp Py-Daniel
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do
Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia, Bacha-
relado em Arqueologia.

1. Quilombo. 2. História oral. 3. Resistência. 4 Arqueologia quilombola. I. Py-Daniel,
Anne Rapp, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 907.2098115

Bibliotecária - Documentalista: Mary Caroline Santos Ribeiro – CRB/2 566

RAFAELA DOS SANTOS PINTO

**ESTUDAR A HISTÓRIA DE UM QUILOMBO É UMA FORMA DE RESISTIR:
ESTUDO DE CASO MURUMURUTUBA - PA**

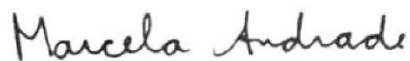
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia, para obtenção de grau de Bacharel em Arqueologia. Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade.

Conceito: 10,0

Data de Aprovação: 10/02/2023



Profa. Dra. Anne Rapp Py-Daniel - Orientadora
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)



Profa. Dra. Marcela Nogueira de Andrade
Universidade Federal do Pará (UFPA)



Dra. Patricia Marinho de Carvalho



Dra. Myrtle Pearl Shock
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar por me proporcionar essa oportunidade e sustentar meu espírito nos momentos mais difíceis dessa jornada.

Aos meus pais, Ruth Helena e Antônio Pinto, que me apoiaram e me incentivaram sempre, meu pai me acompanhou nas pesquisas de campo e contava tudo que se lembrava que o pai dele contava pra ele.

Ao meu esposo que me ajudou desde o início nos campos, em casa e nas pesquisas.

Aos meus filhos, Apolo pela paciência para me ajudar a cuidar da Ana, e Tarcisio Filho (*in memoriam*) pela breve visita aqui nessa terra, deixando eternas saudades.

Aos meus irmãos que me apoiaram: Raquel, Abraão, Railana, Ramon e, em especial, Elaine, que em todos os momentos me ajudou a prosseguir, orando e juntando meus pedaços no momento de luto, sendo meu apoio total.

A todos os comunitários do meu quilombo Murumurutuba em especial as pessoas que entrevistei, Raimunda Pereira, Antônio Pinto, Antônio Pereira, Azemar Silva, Silvina Silva e Maria Alexandrina. Graças à memória de vocês consegui fazer esse trabalho lindo

A minha orientadora Anne Rapp pelo apoio, parceria, amizade e incentivo me ajudou em todos os momentos. Obrigada por fazer parte da minha trajetória acadêmica.

A todos os professores que passaram pela minha vida até aqui.

Aos professores e diretora da escola São Sebastião pela parceria e apoio nas pesquisas e projetos.

Ao meu ex-professor e atual presidente da associação quilombola Mário Bentes pela parceria e incentivo as pesquisas e estudo.

À Federação das Organizações Quilombola de Santarém pela luta dos nossos direitos e um deles é as cotas nas universidades.

À minha igreja Congregação Deus Forte e todos os irmãos pelas orações que fizeram por mim.

Aos meus antepassados que um dia sonharam por dias melhores nas nossas vidas e hoje mais um grau na educação graças as lutas do nosso povo. A todos os meus colegas da turma de arqueologia 2017 pelo companheirismo nas disciplinas e campos. E em especial ao Luiz Alexandre Barbosa (*in memoriam*), que me incentivou ao estudo da diáspora africana, e me ajudou no decorrer de algumas disciplinas. Luiz vai estar presente sempre na vida de quem o conheceu.

Ao Ministério da Educação, pela bolsa Permanência, e a Pró- Reitoria da Cultura, Comunidade e Extensão pelas bolsas PIBEX e o apoio financeiro para o desenvolvimento do Projeto. A ARNI pelo recurso da Mobilidade Internacional. Ao CNPq pelo recurso cedido ao Projeto “Memórias que brotam da terra: permanências e resistências nos quilombos do Paranã do Maicá sob o olhar da Arqueologia e da História”, que apoiou o meu TCC.

Fogo!... Queimaram Palmares,

Nasceu Canudos.

Fogo!... Queimaram Canudos

Nasceu Caldeirões.

Fogo!... Queimaram Caldeirões

Nasceu Pau de Colher.

Fogo!... Queimaram Pau de Colher...

*E nasceram, e nasceram tantas outras
comunidades que os vão cansar se
continuarem queimando.*

Porque mesmo que queimem a escrita,

Não queimarão a oralidade.

Mesmo que queimem os símbolos,

Não queimarão os significados.

Mesmo que queimem o nosso povo,

Não queimarão a ancestralidade.

(Nêgo Bispo, Antônio Bispo dos Santos, do
Quilombo Saco Curtume, em São João do
Piauí)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso traz como tema e título estudar a história de um quilombo é uma forma de resistir: Estudo de caso Murumurutuba/PA. A história oral é presente na memória dos quilombolas, histórias não registradas que são conhecidas apenas por alguns internamente. O principal objetivo desse trabalho é transformar as histórias orais em histórias escritas, contadas por nós quilombolas, a partir do nosso ponto de vista sobre a formação e lutas do nosso território. A pesquisa se desenvolveu a partir de levantamento bibliográfico e entrevistas com os mais antigos da comunidade. Os resultados obtidos foram a construção de mapas de memória das principais vilas que formaram o quilombo e genealogias de algumas pessoas para chegar até os nomes mencionados como os primeiros moradores. Como a comunidade vem crescendo e formando novas vilas, pessoas de outros locais estão vindo morar no quilombo e se auto reconhecendo como quilombola. Este trabalho é uma forma de trazer retorno para a comunidade, e mostrar que já estamos aqui há muito tempo ocupando o território que é nosso por direito.

Palavras-chave: Quilombo. História oral. Resistência. Arqueologia quilombola

ABSTRACT

This bachelor's degree dissertation has as its theme and title Studying the history of a quilombo is a way of resisting: Murumurutuba-PA case study. Oral history is present in the memory of the quilombolas, unrecorded stories that are only known internally by a few. The main objective of this work is to transform oral histories into written stories, told by us quilombolas, from our point of view on the formation and struggles of our territory. The research was developed from a bibliographic survey and interviews with the oldest members of the community. The results obtained were the construction of memory maps of the main sectors of the community that formed the quilombo and genealogies of some people in order to arrive at the names mentioned as the first residents. As the community has been growing and forming new sectors, people from other places are coming to live in the quilombo and recognizing themselves as a quilombola. This work is a way of bringing results back to the community, and showing that we have been here for a long time, occupying the territory that is rightfully ours.

Keywords: Quilombo. Oral history. Resistance. Quilombola Archaeology

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa, distância de Murumurutuba à Santarém.	12
Figura 2 – Mapa de localização dos quilombos de várzea e planalto.....	14
Figura 3 – Mapa das vilas.....	17
Figura 4 – Minha mãe Ruth Helena (à esquerda) e minha avó materna Maria Leonice (à direita).	22
Figura 5 – Minha avó paterna Flausina (Bela).....	23
Figura 6 - Raízes valorizando a ancestralidade. Aqui estão, além de mim, minha irmã, Elaine, que também estuda arqueologia e minha filha, Ana.....	24
Figura 7 - (A) Fazenda Taperinha; (B) Lateral da fazenda Taperinha; (C) Senzala doméstica.....	27
Figura 8 - Distribuição de cestas básicas do programa fome zero	36
Figura 9 - Dona Raimunda na sua casa contando as histórias para os alunos da comunidade.....	37
Figura 10 – (A) Crianças na antiga escola; (B) Atual Escola São Sebastião.	37
Figura 11 - (A) Alunos aprendendo com sr. Francelino. (B) Consciência negra 2004 no quilombo.....	38
Figura 12 - (A) igreja evangélica (B) . Procissão do São Sebastião.....	38
Figura 13 - alunos aprendendo com dona Silvana	39
Figura 14 - Exposição na escola São Sebastião 2019.....	40
Figura 15 – (A) Replica de uma casa de farinha no quintal da escola. (B) Alunas recepcionando com banho de cheiro	40
Figura 16 – Mapa da Vila Bentes.	42

Figura 17 -Mapa da Vila Pinto	43
Figura 18 - Vista aérea, Vila Pinto	44
Figura 19 - Desenho da Vila Pinto.....	44
Figura 20 - Genealogia de Maria Clarinda de Jesus	46
Figura 21 - Genealogia de Antônio de Jesus Pinto	48
Figura 22 - Mapa da Vila Pereira.....	49
Figura 23 - Desenho do mapa da Vila Pereira.....	50
Figura 24 - Genealogia de Raimunda Pereira moradora da Vila Pereira, família formadora desta vila.....	51
Figura 25 - Mapa da Vila Batista	52
Figura 26 - Mapa da Vila Batista	53
Figura 27 - Desenho do mapa da Vila Batista	53
Figura 28 - Genealogia de Azemar Silva Santos, morador da Vila Batista.....	55
Figura 29 - Mapa da Vila Rocha	56
Figura 30 - Curso de formação de professora quilombolas.....	59
Figura 31 - Patrícia Marinho, Elaine Pinto e eu.	59
Figura 32 - Antônio de Jesus.....	61
Figura 33 - Antônio Pereira Pinto	63
Figura 34 - Maria Alexandrina	65
Figura 35 - Silvina Silva Santos.....	66
Figura 36 - Raimunda Pereira.	67
Figura 37 - No quintal com dona Raimunda, Patrícia Marinho, Aninha e eu.	68

SUMÁRIO

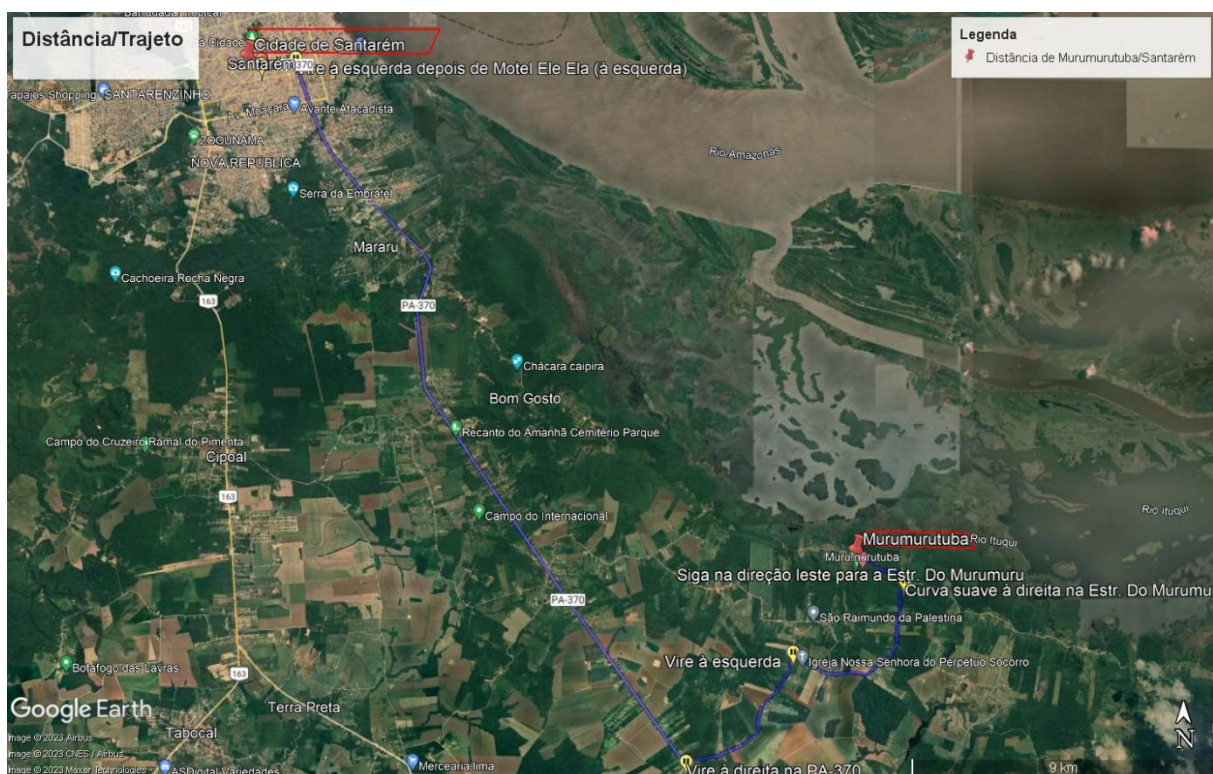
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - POR QUE FAZER ARQUEOLOGIA EM MURUMURUTUBA?	19
CAPÍTULO 2 - A DIÁSPORA AFRICANA	26
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA	32
CAPÍTULO 4 - RESULTADO	34
4.1 O reconhecimento do Quilombo de Murumurutuba	35
4.2 A formação de Murumurutuba	41
4.3 Descrição da comunidade de Murumurutuba hoje	41
4.3.2 Vila Pinto	43
4.3.2.1 Genealogia de Maria Clarinda de Jesus.....	46
4.3.2.2 Genealogia de Antonio de Jesus Pinto.....	48
4.3.3 Vila Da Raimunda Pereira.	49
4.3.3.1 Genealogia de Raimunda Pereira dos Santos	51
4.3.4 Vila Batista	52
4.3.4.1 Genealogia de Azemar Silva Santos.....	55
CAPÍTULO 5 - DISCUSSÃO E CONCLUSÃO	57
REFERÊNCIAS	60
ANEXO A	61

INTRODUÇÃO

O quilombo de Murumurutuba está localizado a 43 km da cidade de Santarém seguindo pela Br 370, conhecida como Curuá-una, entrando no ramal Poço das Antas, conforme o mapa da figura 1, e vindo em direção ao rio Maicá, aí são 15 km. Já era um percurso muito utilizado no tempo que não tinha transporte terrestre (carro, ônibus, moto). Murumurutuba tem como vizinhos o quilombo Bom Jardim, a Aldeia São Francisco da Cavada, etnia Munduruku, o quilombo Murumuru e a comunidade JP (João Pereira). Os moradores mais antigos, através da sua oralidade, que passa de geração em geração, nos falaram sobre as ocupações antigas, costumes e a definição da palavra Murumurutuba: MURUMURU= por que existia uma grande quantidade de murumuruzeiros no local TUBA= instrumento de sopro. Como veremos, seu histórico de ocupação está ligado aos quilombos Bom Jardim, Saracura, Ituqui e a fazenda Taperinha. O quilombo fica entre várzea e terra firme.

A várzea é um tipo de ambiente que de tempos em tempos inunda e depois seca, é bastante dinâmico e continuamente transformado pelos rios. Já a terra firme é onde as florestas não são sujeitas às inundações, são localizadas nas áreas mais elevadas, as árvores podem se desenvolver bastante e o solo não sofre tantas modificações. É em cima das serras que os quilombolas utilizam a terra para fazerem roçados, pelo fato do solo ser mais argiloso e propício para o plantio de milho, macaxeira, mandioca e outros e, antes de chegar no rio Maicá, tem-se a área de igapó, onde existem muitos açazeiros, colhidos na época de junho a outubro.

Figura 1 - Mapa, distância de Murumurutuba à Santarém.



Fonte: Elaine Pinto via Google Earth (2023)

Os quilombos de Santarém ficam entre o Rio Ituqui, o Paranã do Maicá, às margens do rio Amazonas e seus braços. Atualmente no município de Santarém são reconhecidos pela fundação Cultural Palmares 12 comunidades quilombolas, que estão organizadas em Federação e associações comunitárias. A FOQS (Federação das Organizações Quilombolas de Santarém) tem como presidente, atualmente, o senhor Mário Pantoja do quilombo de Murumuru. As reuniões acontecem toda segunda feira, com todos os presidentes dos quilombos que levam suas demandas para juntos discutirem, dentre as demandas estão as autorizações para projetos desenvolvidos dentro das comunidades. De acordo com o protocolo de consulta criado seguindo a convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) para qualquer empreendimento, pesquisa ou intervenção feita dentro dos territórios quilombolas é necessário fazer uma consulta prévia. Antes de iniciar o projeto Arqueologia nas Escolas: Histórias da Amazônia¹ na comunidade mandamos um

¹ O Programa Arqueologia nas Escolas: Histórias da Amazônia nasce em 2016 de uma parceria entre professores e pesquisadores da Universidade Federal do Oeste do Pará e o Museu Paraense Emílio

ofício para a FOQS e marcamos uma reunião para apresentar o projeto, depois que foi aprovado, marcamos uma reunião com a associação da comunidade de Murumurutuba e apresentamos para os moradores, eles aprovaram e ficaram felizes em ver o retorno que o projeto traria, agora a pesquisa seria feita por uma pessoa do quilombo, para a qual muitos se sentiriam mais à vontade para falar.

Os quilombos são organizados através de associações com presidente, vice-presidente, secretário, vice-secretário, tesoureiro, vice-tesoureiro e conselho fiscal, todos fazem parte da diretoria da associação. Na região do Planalto estão localizados 5 quilombos: Murumurutuba, Bom Jardim, Murumuru, Tinguu e Patos do Ituqui. Na área de várzea estão situados 6 quilombos: Arapemã, Saracura, Surubi-Açu, Nova Vista do Ituqui, São José do Ituqui, São Raimundo do Ituqui e um quilombo fica na área urbana de Santarém o quilombo Maicá, ver o mapa na figura 2.

De acordo com Dileudo Guimarães, ex-presidente da FOQS em uma entrevista em 2018:

A FOQS é a Federação das Organizações Quilombolas de Santarém, ela foi criada no dia 10 de março de 2006. Ela é um movimento de articulação onde as lideranças das comunidades quilombolas discutem e buscam acesso a seus direitos básicos como: educação, saúde, titulação das terras e políticas públicas em geral.

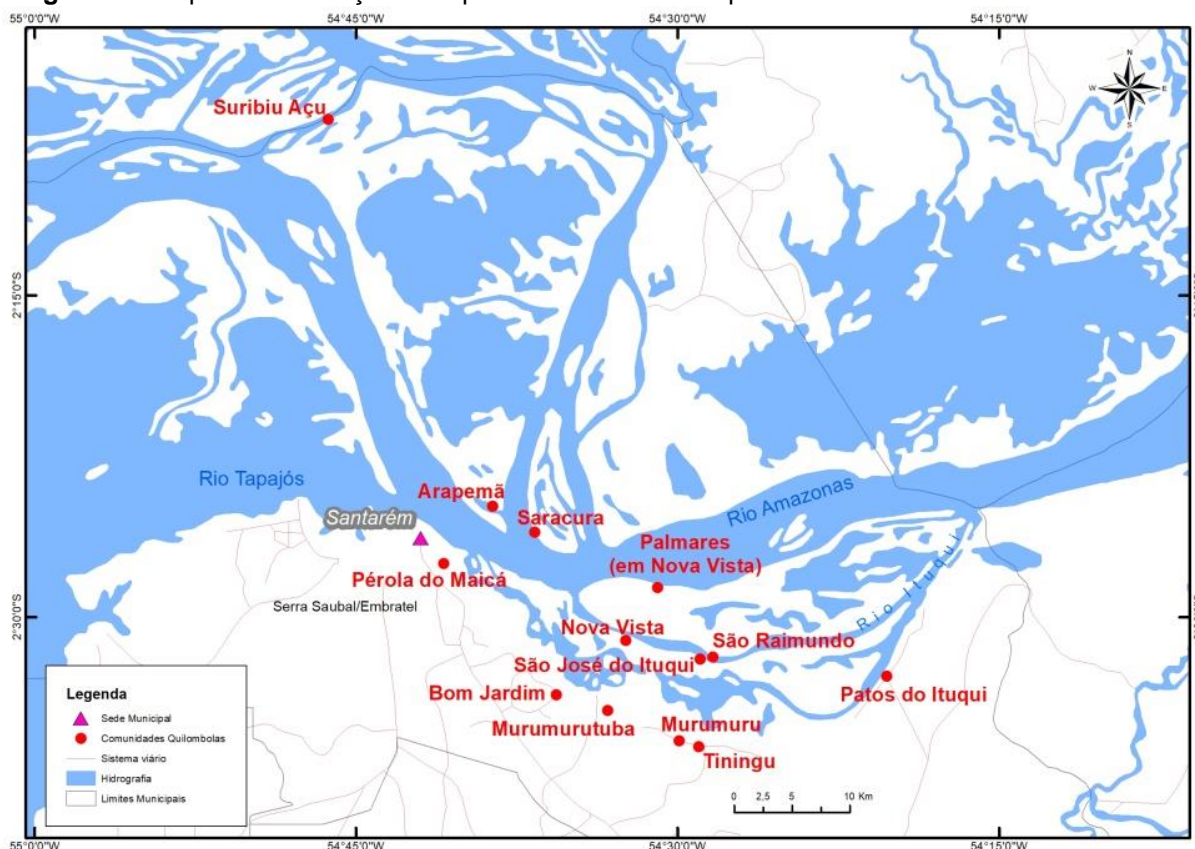
É o local para apresentar e lutar para que os nossos direitos sejam respeitados, buscando sempre a igualdade social. A FOQS é um espaço aberto para apresentação de demandas das comunidades. A FOQS é uma associação de pessoas, o espaço físico em si é o menos importante, pois, ela representa e é representada por pessoas que moram nas próprias comunidades. O que me deixa feliz com a FOQS é conseguir mantê-la viva, através das reuniões, da formação de novas lideranças e das conquistas, que são muitas:

- 1- *Avanço no processo de titulação das terras;*
- 2- *Adequação do conteúdo escolar e abertura de Processo Seletivo Especial Quilombola na Universidade Federal do Oeste do Pará;*
- 3- *Criação e reforma de novas escolas nas comunidades;*
- 4- *Projeto de construção de casas;*
- 5- *Criação do setor étnico-racial na Secretaria de Educação do Município;*
- 6- *Merenda escolar diferenciada;*
- 7- *Emponderamento das comunidades*
- 8- *Estabelecimento do protocolo de consulta; (informação verbal²)*

Goeldi, o mesmo teve recurso do edital PROEXT MEC e da própria universidade. As ações têm sido realizadas em parceria com escolas locais e diferentes secretarias de educação municipais.

² Trecho extraído de entrevista realizada em 2019.

Figura 2 – Mapa de localização dos quilombos de várzea e planalto



Fonte: Ney Rafael Gomes Monteiro (2022).

A região possui uma forte predominância de áreas alagáveis, todas muito próximas, formadas por braços do rio Amazonas (RAPP PY-DANIEL, BISPO, 2017, Pg3). Na região de várzea acontece muita mobilidade das casas e das plantações, em razão dos fenômenos de terras caídas e terras crescidas. Também, devido às cheias os moradores não conseguem plantar roças, mas na seca a região alagada é muito aproveitada para fazer plantio de melancia por conta do solo ser fértil. Essa fertilidade se dá pelo fato de o rio depositar muitos sedimentos e acúmulo de vegetação no período de seca.

Terras crescidas trata-se do processo de acúmulo de sedimentos na área alagável pelo rio, fazendo que a área seja propícia pro plantio, mas podendo também “afastar” o acesso das comunidades ao rio. Terras caídas é provocada pela ação das chuvas e do aumento do volume da água do rio, de suas bacias, afluentes e braços (RAPP PY-DANIEL e BISPO, 2017, p.11).

Algumas comunidades sofrem com as terras caídas, inclusive os moradores relatam que devido às grandes embarcações que passam no rio Amazonas aumentou

o desmoronamento dos barrancos. Esse fenômeno acontece todo ano na região amazônica e afeta negativamente muitas comunidades.

Em algumas comunidades do Planalto também são conhecidos, pelos moradores, sítios de Terra Preta (RAPP PY-DANIEL e BISPO, 2017, p.4). A geografia dos quilombos Bom Jardim, Murumurutuba, Murumuru e Tingu é bastante parecida por se localizarem um ao lado do outro, ficando entre a serra e rio Maicá. Na área da serra todos os quilombos citados acima têm áreas de terra preta onde os moradores fazem uso fazendo seus roçados, alguns desses sítios já foram cadastrados no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Os quilombolas mantêm a prática da agricultura familiar para ajudar na sobrevivência da família, plantando milho, mandioca, macaxeira, arroz, jerimum, banana, tomate e outros. Antigamente, na época do meu avô, meu pai, Antonio Pinto, conta que cultivavam arroz, cana de açúcar, macaxeira, milho, mandioca, mais algumas frutas e legumes como: melancia, jerimum, tomate e mamão. Eles tinham o costume de fazer trocas com algumas pessoas da várzea, trocavam farinha, milho e arroz por peixes e queijos. Os vizinhos da várzea não tinham como plantar e manter árvores perenes ou que necessitem mais de 6 meses. O sistema de trocas se dava através das amizades. As trocas também ocorriam dentro da comunidade, entre os que plantavam com os que pescavam, ou quando acabava a farinha de uma casa, ela emprestava de outra família, até que fizesse farinha para pagar, ou no caso de milho esperava até o milharal produzir.

A pesca ainda é um meio de fonte de renda na casa de algumas famílias, que pescam para o consumo e para vender, e assim comprar alguns alimentos que faltam. Mas os rios estão cada vez mais escassos de peixes devido a pesca predatória, meu pai Antônio Pinto fala que não se vê mais fartura como antes, ele sempre fala que o tio Manduca, Manoel de Jesus Pinto, era um bom pescador, sempre que chegava do lago trazia o panier cheio de peixes, ele sempre usava o sistema de trocas ou muitas vezes doava. Seu Laurentino, esposo da dona Raimunda, foi um grande pescador de pirarucu e peixe-boi, hoje vive da aposentadoria. Muitos jovens aprenderam o ofício com os pais.

Hoje temos o açaí como uma grande fonte de renda de muitos quilombolas. Algumas pessoas fazem plantações nos seus quintais, mas têm o igapó, nas áreas

alagadas, onde muitos vão em busca do “ouro preto” como muitos falam. Ele é vendido no caroço ou batido, vendido no litro, servindo de fonte de renda e alimentação na mesa dos quilombolas.

De acordo com as pesquisas do estudante Tarcísio Pinto Vandekoken (comunicação pessoal), a seringa serviu como uma das principais fontes de renda na década de 70 e 80 para as famílias na comunidade. Tarcísio está conduzindo uma pesquisa intitulada “Estudando os modos de vida através da seringa no quilombo de Murumurutuba” sob orientação da professora Myrtle Pearl shock e também faz parte do projeto “Memórias que brotam da terra: permanências e resistências nos quilombos do Paranã do Maicá sob o olhar da arqueologia e da história”³. Este projeto nasceu para atender a nossa demanda, de estudantes quilombolas que visam entender a formação e ligação dos quilombos do Baixo Amazonas, por isso temos trabalhado juntos.

Meu avô, Joaquim de Jesus Pinto, se aposentou como soldado da borracha. A extração do látex da seringa tinha uma relação com agricultura, primeiro passavam nos seringais para cortar a seringueira, depois iam para os roçados trabalhar e ao voltarem para suas casas já coletavam o leite da seringa. Seringais esses que foram plantados pelos mesmos, cada família de agricultor tinha seu seringal. Mas existiam seringais que tinham manejo coletivo com os donos dos seringais, como no caso dos seringais do senhor Faustino, Senhor Rafael, Dona Paula, Senhor Edmilson, Senhor Daito e Senhor Moura. A coleta da seringa era feita nos meses de novembro, dezembro e janeiro. Também temos a terra preta em áreas de serra, que é usada para fazer plantios de roças. No trabalho de Tarcísio Pinto Vandekoken será feito um mapeamento dos seringais de acordo com as entrevistas que ele está fazendo.

Atualmente a comunidade possui setores chamados de vilas, ela está dividida de acordo com o mapa a seguir, (ver figura 3) vila dos Bentes, vila Pinto, vila Pereira,

³ A equipe do Projeto universal CNPq Nº18/2021, aprovado em 03/12/2021, ainda conta com a participação dos pesquisadores: Anne Rapp Py-Daniel, Gabriela Prestes Carneiro, Myrian Barboza, Daniela Ferreira, Myrtle Pearl Shock, Elaine dos Santos Pinto, Claide de Paula Moraes, Eduardo Góes Neves, Fernanda Martins de Sousa, Patrícia Marinho de Carvalho, Luís Laurindo, Rafaela dos Santos Pinto, Tarcísio Pinto Vandekoken.

Maria das Graças e José (Ceará) não se reconhecem como quilombolas, vila Batista, Vila da Nilma, Vila Araújo/Rocha, e dois cemitérios na comunidade.

Seguindo as divisões geográficas internas da comunidade, cada vila tem acessos a recursos diferentes. “Na comunidade remanescente de quilombo de Murumurutuba existem unidades sociais maiores chamadas ‘vilas’ - Pinto e Batista. Essas unidades sociais (e também espaciais) chamadas ‘vilas’ são as mais numerosas em grupos domésticos” (O’DWYER; SOARES, 2011, p.32).

Figura 3 – Mapa das vilas.



Fonte: Elaine Pinto via Google Earth (2023).

Por exemplo, na vila Pinto não tem terra preta, mas na vila Batista, nos altos das serras, existe uma grande quantidade, que seus donos usam para fazer plantios de macaxeira, mandioca e banana.

A estrutura desse trabalho está dividida em:

- **Capítulo 1:** Por que fazer arqueologia em Murumurutuba?

É a parte que relato minhas experiências pessoais e meu lugar de fala e como isso me levou a estudar meu quilombo.

- **Capítulo 2:** A Diáspora Africana

Falo sobre o significado do termo e como foi a luta e resistência dos negros escravizados até a formação dos quilombos e como lutamos hoje pelos nossos direitos.

- **Capítulo 3:** Metodologia

Fala sobre as etapas do trabalho e a forma que foi sendo construído.

- **Capítulo 4:** Resultados

A partir das entrevistas eu fiz mapas de memórias das vilas: Pinto Pereira e Batista e genealogias de algumas famílias ligadas aos primeiros moradores do quilombo.

- **Capítulo 5:** Discussão e Conclusão
- **Anexos:** Entrevistas e fotos dos entrevistados.

CAPÍTULO 1 - POR QUE FAZER ARQUEOLOGIA EM MURUMURUTUBA?

Estudar a nossa história, mergulhar no mais profundo conhecimento dos nossos antigos é uma forma de registrar e guardar informações para não se perderem no tempo e mostrar pra nossas crianças como os nossos antepassados lutaram e resistiram para que, hoje, nós pudéssemos conquistar o que temos. Foi através do estudo do historiador Eurípedes Funes que tivemos informações sobre os quilombos do baixo amazonas na sua tese “Nasci nas matas, nunca tive senhor: história e memória dos mocambos do baixo amazonas.” (FUNES, 1995).

Em 1990 Eurípedes Funes teve o primeiro contato com os quilombos da região, participou do terceiro encontro Raízes Negras realizado nos mocambos do Silêncio e do Matá onde participaram representantes de Alenquer, Óbidos, Oriximiná e Santarém, foi a partir desse encontro que ele começou sua pesquisa nessas áreas. Onde conheceu muitas histórias de um passado de lutas e resistência, seus estudos nas comunidades foram muito importantes para trazer essas informações até nós. O historiador menciona o que muitos indagavam: e ali houve escravidão? E isso até hoje nos é questionado por muitos, interrogam sobre nossa identidade quilombola, e esses estudos são necessários para registrar o que está só na memória e oralidade dos mais antigos.

O impacto do trabalho do Funes foi essencial para o reconhecimento da comunidade como quilombola. Ao adentrar na universidade eu percebi que ainda era necessário estudar, pesquisar e registrar nossa história, porque não temos esse registro. A preocupação de muitos antigos da nossa comunidade é de que ninguém leve adiante ou de que ninguém se interesse em contar para as futuras gerações ou de que ninguém conheça o processo de formação das comunidades.

Através do diálogo com os mais velhos é que temos o conhecimento sobre como se formou o quilombo, eles guardam na memória o que o pai contou, o que o avô contou, ou que a mãe contava pra filha que sua avó e bisavó contavam pra ela, são esses laços e essas transmissões que aparecem na maioria dos relatos que crescemos ouvindo. Os mais velhos são nossas bibliotecas vivas, mas muitos já não estão mais aqui pra contar ou a memória já não se lembra mais. Registrar essas memórias é não deixar a história se perder.

“O meu lugar de fala não é fácil nem pronto, ele está sendo desconstruído e construído” (CARVALHO, 2018, p.25). A minha história é essa história, venho de uma família onde tanto meus avós maternos quanto paternos têm ligação direta com pessoas que foram escravizadas. Cresci ouvindo as histórias que minha mãe contava, que o pai e a mãe dela contavam pra ela. Minha mãe se chama Ruth Helena dos Santos (figura 4), minha avó Maria Leonice dos Santos (figura 4), minha bisavó Maria Olgarina dos Santos e minha tataravó Maria Paulina dos Santos. Maria Paulina foi escravizada na fazenda Bom Jardim, mamãe conta que a vovó contava pra ela que elas passaram muitas dificuldades, trabalhavam duro nas plantações. Da linhagem de minha mãe ninguém tem ensino superior, vai ser um sonho realizado na minha família essa graduação. A maior parte dos meus tios e tias só tem o ensino primário. Minha avó paterna Flauzina de Jesus Pinto (Bela) (ver figura 5) era analfabeta, seu pai Manoel Celestino de Souza foi escravizado na Fazenda Bom Jardim. Falar dos meus antepassados é mergulhar em uma história de lutas e sofrimentos, na qual todos os dias continuamos lutando para ter um lugar na sociedade, que sempre faz questão de invisibilizar-nos. Estudei o ensino fundamental no meu quilombo e o ensino médio em outra comunidade, onde eu percorria a pé duas horas e meia, pegando chuva ou sol para chegar. Meu sonho era entrar na faculdade, o que meu pai ganhava, mal dava para o nosso sustento. Depois que terminei o ensino médio, fiz dois cursos no SENAI de torneiro mecânico e soldador, trabalhei cinco anos na área de torneiro mecânico em oficinas industriais, onde eu era a única mulher na área, enfrentei machismo, preconceito e assédio. Não foi fácil passar por tudo isso. Eu sempre quis fazer o ensino superior, e passei dez anos esperando uma oportunidade, foi através do sistema de cotas para quilombolas e das lutas do movimento quilombola que, em 2017, consegui entrar no curso de Bacharelado em Arqueologia.

Enfrentei dificuldades em muitas disciplinas, me esforcei ao máximo em todas, consegui realizar projetos na comunidade, como ter o meu próprio projeto dentro do Programa “Arqueologia nas Escolas: Histórias da Amazônia”, e criar roupas e acessórios afro voltados para a mulher negra. Eu sentia a necessidade de ter uma representatividade e através das roupas que eu crio, em tecido africano, conforme a figura 6, eu me senti conectada com a minha ancestralidade. Consegui uma bolsa pra mobilidade internacional, fui pra Colômbia na Universidade Nacional da Colômbia, e consegui chegar a San Basílio de Palenque, o primeiro povo Negro livre da América.

O lugar de onde falo hoje é o lugar de uma mulher preta quilombola que luta todos os dias por dias melhores, enfrentei uma das maiores lutas da minha vida, que foi perder um filho, foi durante a pandemia que eu engravidei (gravidez essa de risco) tive meu filho Tarcisio Filho em novembro de 2020, e em março de 2021 ele faleceu (escrevo isso com muitas lágrimas), meu mundo acabou, tudo que sonhei e planejei tinha acabado naquele momento, a vontade era desistir e jogar tudo fora, a dor era e é tamanha, eu nunca tinha imaginado que uma tragédia desse tamanho iria acontecer. Mas com a força de Deus e da minha família, eu consegui dia após dia me levantar e me reconstruir, em todo esse tempo não consegui produzir essa monografia, eu precisava me concentrar e eu não conseguia. Mas com a graça de Deus, em julho de 2021, descobri que esperava mais um bebê, dessa vez era a Ana, e em abril de 2022 ela chegou nesse mundo pra me trazer luz e alegria, tornou meus dias felizes, consegui viver com a dor e a alegria.

Ser mãe de um bebê e estudar torna tudo mais complicado, mas com muita força a gente consegue. Cada vez que faço uma entrevista e ouço sobre a nossa história, me dá força e ânimo para seguir e registrar. O povo preto é um povo sofrido, que vem lutando desde a época da escravização até os dias atuais. É necessário nós nos posicionarmos e falarmos sobre o que queremos. Tenho certeza que as mulheres que citei acima ficariam orgulhosas de ver nossa vida bem melhor que as delas. Vejo no rosto da minha mãe a alegria dela falando que tem filhas e filho na universidade. Eu nunca esqueço de uma frase que o meu pai que falava “filho de pobre não faz faculdade” e eu sempre pensava “um dia eu farei sim”, e posso dizer “eu consegui”, que é necessário sonhar e correr atrás.

Figura 4 – Minha mãe Ruth Helena (à esquerda) e minha avó materna Maria Leonice (à direita).



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 5 – Minha avó paterna Flausina (Bela)



Fonte: Elizandra Pinto

Figura 6 - Rafo modas valorizando a ancestralidade. Aqui estão, além de mim, minha irmã, Elaine, que também estuda arqueologia e minha filha, Ana.



Fonte: Acervo pessoal

Minha história está ligada diretamente com a história do quilombo, saber do processo de construção da comunidade e que meus antepassados estão ligados diretamente a esse processo é uma forma de entender sobre meu lugar de fala e falar com propriedade a partir dele.

Os objetivos desse projeto envolvem entender esse processo de constituição da comunidade e sua história, usando ferramentas como entrevistas e mapeamento. Foi feito um mapeamento das três vilas que têm seus antepassados como os primeiros a chegarem aqui a partir das histórias contadas oralmente. Ao longo das entrevistas eu percebi que era necessário construir a genealogia de algumas pessoas para entender de onde vinham esses moradores. Reconstituir cronologicamente cada família/vila se tornou muito importante, visto que muitos não sabem informar sobre idade de alguns antigos. Dei ênfase à minha família, pelo motivo de ter mais informações concedidas pelo meu pai, Antônio Pinto. Também foi importante pensar no mapeamento da comunidade para ver como ela está crescendo e se dividindo e qual vila tem mais pessoas.

O estudo no quilombo, através da história contada pelos netos, bisnetos e tataranetos daqueles que formaram o quilombo, possibilita chegar mais perto das

raízes históricas, tornando vivo o passado que sempre esteve na memória. Através da oralidade foi possível construir esse trabalho que vai contribuir para o aprendizado daqueles que não conhecem a história do quilombo e a valorização da história oral dos mais antigos. Crescer ouvindo histórias sobre o nosso povo, me despertava a curiosidade de ir mais profundo no assunto, saber que os nossos antepassados sofreram muito sendo escravizados, e que hoje muitos invisibilizam esse período, escrever essa história para ir além do quilombo é um sentimento de dever cumprido comigo mesma, mas quero continuar buscando em uma pós-graduação essas histórias que se entrelaçam entre si, não só do meu quilombo mais de outros vizinhos. Fazer as pessoas se ouvirem e lerem o que falaram pra ver a alegria em seus rostos, pessoas protagonistas das suas histórias, trazendo representatividade para o povo quilombola.

Existem desequilíbrios na quantidade de informações sobre a comunidade, tive mais acessos aos meus familiares, mais pretendo continuar buscando informações dentro de outro projeto que estamos desenvolvendo.

CAPÍTULO 2 - A DIÁSPORA AFRICANA

O termo diáspora vem do grego e significa “dispersão”. O termo “diáspora africana” vem sendo usado para fazer referência a povos que foram levados à força a viver em outras partes do globo. De acordo com a Patrícia Carvalho (2018), o termo faz referência a movimentação de pessoas a partir do tráfico transatlântico e também designa os descendentes de africanos fora do seu continente original. A diáspora envolveu um processo de migração forçada e de muito sofrimento, ao embarcarem nas embarcações escravistas os africanos eram obrigados a deixar sua identidade, nome, cultura, religião, línguas, família e formas de organização políticas e sociais. O sofrimento foi muito grande, a ponto de muitos se jogarem das embarcações escravistas antes do desembarque e outros morriam no percurso. Foi um processo que mudou drasticamente a vida dos envolvidos e seus descendentes.

Segundo Patrícia Carvalho (2018)

De acordo com o mais completo banco de dados sobre a escravidão transatlântico, “*The Trans-Atlantic Slave Trade Database-Slave Voyages*”, que reúne informações sobre 36.000 viagens de embarcações escravistas, estima-se que até 12,5 milhões de pessoas tenham embarcado nesse navio. O Brasil liderou número de tráfico de pessoas, estimando-se que 5,8 milhões de africanos embarcaram com a bandeira Brasil/Portugal. (CARVALHO, 2018, p.12)

No Brasil, muitos vieram para trabalhar em fazendas, exploração de minérios e atividades domésticas. Uma das principais propriedades escravistas de Santarém foi o engenho Taperinha, na beira do Maicá, conforme a figura 7A, e a lateral da fazenda Taperinha, figura 7B. Dentro da fazenda havia uma senzala doméstica, figura 7C, essa senzala está presente nos relatos de muitos quilombolas, que dizem que foi um local de tortura dos escravizados. Por exemplo, a mamãe conta que o vô Zé Pinto contava pra ela que, depois do período da escravidão nesse local aparecia visagem, era um local onde se escutavam gritos, arrastavam correntes, são histórias que eu cresci ouvindo. Essa fazenda era do Barão de Santarém e foi gerida pelo confederado norte-americano Romulus Rhomes até 1882. Desde 1844 há notícias de fugas do engenho (RAPP PY-DANIEL; BISPO, 2017).

Figura 7 - (A) Fazenda Taperinha; (B) Lateral da fazenda Taperinha; (C) Senzala doméstica



Fonte: Anne Rapp (2017)

O autoreconhecimento dos sujeitos como quilombolas é uma construção que foi sendo solidificada ao longo das últimas duas décadas, quando surgiram as primeiras discussões sobre o reconhecimento e a titulação de suas terras pelo Governo Federal. Hoje a comunidade se autoreconhece como remanescente de quilombo pela associação que foi feita do conceito com a sua história, aos seus antepassados e a formação do território.” (CARVALHO, 2018, p.20).

Pois, mesmo se a Constituição de 1988 reconhece o direito ao território, o processo de reconhecimento e de titulação desses locais é bem mais recente. Acredito na importância política e histórica de se estudar quilombos através da arqueologia e de maneira integrada com os estudos sobre a diáspora, porque há muitas discussões do governo querendo apagar nossa história e as lutas dos nossos ancestrais. Através da oralidade e da cultura material podemos afirmar que nossos ancestrais existiram e resistiram o processo de escravidão, formando quilombos e ajudando outras pessoas escravizadas. Tudo isso em tentando construir uma família, já que muitos nem conheceram os próprios pais, como no caso de minha avó e outros,

que eram arrancados dos braços das mães para serem vendidos como mercadorias. De acordo com os registros históricos eles eram definidos como bens semoventes (bens que se movem), em todo o momento as pessoas escravizadas não passavam de mercadoria. No inventário do Barão de Santarém é possível ver como os bens estavam discriminados: Móveis 7:230\$420\$; Semoventes (gado, escravos) 194:738\$000; bens de raiz 210:580\$0000 (FUNES, 2005, p.28).

“As referências primeiras aos quilombos foram pronunciadas pela Coroa Portuguesa e por seus representantes que administravam o Brasil Colônia.” (SOUZA, 2016, p.20). Quilombo é um lugar onde os negros se refugiavam quando fugiam das fazendas dos seus senhores para escapar da escravização, geralmente eram em locais escondidos e estratégicos, para não serem achados e ficarem preparados contra os ataques. O quilombo mais conhecido no Brasil foi o quilombo dos Palmares, foi um local de escravos fugidos do início até o final do século XVII, localizado na Serra da Barriga, atual estado de Alagoas. Seu principal líder foi Zumbi dos Palmares, morto em 20 de novembro de 1695.

De acordo com Bárbara Souza (2016):

O conceito de quilombo, no século XX, foi reapropriado pelas lutas de resistências dos movimentos negros e colocado em pauta na Assembleia Constituinte, na elaboração do Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (SOUZA, 2016, p.29).

No artigo 68 da Constituição Federal criado em 1988 diz: Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado a lhes emitir os títulos respectivos.

O senhor Azemar Silva, ex-presidente de Murumurutuba, em uma entrevista em 2019, falou que em uma viagem indo pra Oriximiná, refletia sobre as lutas e tudo que o povo negro passou. Então ele criou uma música chamada “Artigo 68”

ARTIGO 68

Quantos anos passaram e até hoje há discriminação

Nas escolas, nas festas, nas ruas não é fácil não

Castigaram, feriram e marcaram nossos antepassados

Em porão de navios transportavam os exilados

No Brasil fizeram tantos quilombos
Que a gente não viu
As pesquisas e estudos nos mostram onde existia
Foram mais de trezentos anos
Que esse povo resistiu
Parece para as autoridades essa gente sumiu
Do Tiningú, Murumuru, Arapemã
Negros sofridos, destemidos que não abera pra carapanã
Murumurutuba, Saracura, Bom Jardim dos nossos sonhos
Somos comunidades remanescentes de quilombo
Os escravos fizeram refúgios em vários lugares
Sem escola, lazer, só angústia e trabalho
Foram muitos os fugitivos das fazendas e canaviais
Apanharam sem dó dos patrões parecendo animais
Somos nós os descendentes de escravos quilombola
A liberdades é mais que tudo e somo a gente a toda hora
Pensamentos voam alto
De realizar nossos sonhos
Sonhos de remanescente de quilombo
Esse povo também tem cultura e tradição
Sempre lutando por melhores dias em Associação
Seus projetos pelos homens da lei já estão sendo visto
Assinando decreto e outros mais muito mais que isso

Nossas terras tem gente tomando um pedaço de chão

Tem aí o artigo 68 da constituição

Que defende os direitos dos negros

E das terras por eles ocupadas

Ainda tem gente falando por aí que nós não valemos nada.

Composição de Azemar Silva

O primeiro quilombo titulado no Brasil foi o quilombo Boa Vista em 20 de novembro de 1995, “O processo de solicitação de demarcação das terras tramitou por três ano, desde 1992 até a data da entrega do título em 1995.” (ACEVEDO; CASTRO, 1998, p.12) O movimento quilombola vem lutando para que as suas terras sejam tituladas, nesse processo alguns quilombos do baixo amazonas são prejudicados pela monocultura da soja e fazendeiros, que ocupam grande parte das áreas quilombolas. Em Santarém apenas o quilombo Maicá possui título, mas pelo fato de se localizar em área urbana, o título é Municipal.

A Lei Áurea, oficialmente Lei n.º 3.353 de 13 de maio de 1888, foi a lei sancionada pela princesa Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bourbon e Bragança, que extinguiu a escravidão no Brasil.

A imagem da princesinha branca, libertando por decreto escravos submissos e bem tratados, que durante décadas se difundiu nos livros didáticos brasileiros, passou a se opor a imagem de um sistema cruel violento, ao qual o escravo negro resistia, especialmente pela fuga e formação dos quilombos. (MATOS, 2005, p.1).

Sabemos que muito antes dessa lei nosso povo lutava por libertação, antes de serem embarcados nos navios negreiros já lutavam por sua liberdade. Depois dessa lei não houve políticas de reparação para os escravizados. Imagina alguém acordar e saber que não é mais escravo? Isso é ótimo, afinal sua luta obteve o resultado esperado, mas o que fazer da vida, sem ter dinheiro, terras, casa, acesso a escola, saúde. O Brasil ainda é um país racista, no qual todos os dias negros lutam

por seus direitos, onde mesmo depois de 135 anos da abolição da escravidão a luta do povo preto continua. Poucos quilombos têm seus títulos.

Ainda hoje existe muito racismo com a população afrodescendente, o governo nega o direito à educação, à saúde e, principalmente, ao território, os processos de titulação são longuíssimos. Penso que a arqueologia pode nos ajudar com dados para provar o nosso direito ao nosso território. Pode nos ajudar a registrar os relatos da história oral, que são conhecidos somente por algumas pessoas, e que se não forem registrados se vão junto com os mais antigos. A história oral é uma história viva, que as pessoas nos trazem para o tempo presente, em sua entrevista Sr. Antônio Pereira mostra a preocupação dele, diz que certos costumes estão acabando, que os mais jovens não mostram interesse em aprender. “A arqueologia possibilita transformar a história oral em fonte oral. Fonte oral é o registro de qualquer recurso que guarda vestígios de manifestações da oralidade humana.” (MEIHY; HOLANDA, 2014, p.13). Nesse processo não atuo sozinha, minha irmã, Elaine dos Santos Pinto, que também defende seu TCC também traz informações sobre como a materialidade pode ser melhor entendida após as histórias escutadas e entendidas.

Transformar nossas histórias em material palpável para que outros tenham acesso. Sempre tive esse interesse, assim desenvolvi um projeto de extensão em 2018 e 2019 chamado *Identificação dos principais temas históricos e arqueológicos para elaboração de material didático para as comunidades quilombolas de Santarém* dentro do Programa Arqueologia nas Escolas: Histórias da Amazônia, que possibilitou trazer uma exposição de fotografias que despertou a memória de muitos. Fazer arqueologia no meu quilombo e trazer para os comunitários nossa história contada por nós é um grande presente na minha vida, posso dizer que me sinto feliz.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

A metodologia usada nesse trabalho seguiu as seguintes etapas:

1ª Etapa: Solicitação de Autorização na Federação e na Associação da comunidade Murumurutuba, segui o protocolo de consulta, mesmo sendo moradora do quilombo é necessário fazer valer o que defendemos.

2ª Etapa: Realização de entrevistas com os conhecedores mais velhos. Inicialmente não gravamos as entrevistas com as pessoas mais antigas da comunidade, algumas não se sentiram à vontade, respeitei cada um, anotei no meu caderno de campo e guardei na memória, afinal é a minha história também, foi olho no olho, foi muito emocionante compartilhar esses momentos. Na segunda entrevista com a dona Raimunda Pereira ela já permitiu que gravássemos, menos alguns assuntos sensíveis, tudo foi respeitado. As entrevistas foram num formato de conversa, onde a pessoa entrevistada definia onde e como seria entrevistada, sem duração determinada e sem perguntas fixas, só orientadas para a reconstituição da história da comunidade.

3ª Etapa: Foi feito um levantamento bibliográfico sobre os quilombos do Baixo Amazonas, não temos quase nada, encontrei referências nos trabalhos do Funes (1995), no Relatório Antropológico de Identificação e Delimitação do quilombo Murumurutuba (SOARES; O'DWYER, 2011) e no relatório Rapp Py-Daniel e Bispo (2017) do projeto de pesquisa Projeto *Interseções de conhecimentos etnográficos e arqueológicos em contextos do Baixo Amazonas: o caso do território do Aiaia em Santarém, Pará*. O trabalho de Acevedo e Castro (1998) permitiu ter uma ideia de como foi o processo de titulação no rio Trombetas.

4ª Etapa: Foi feita uma visita ao CDHBA (Centro de Documentação Histórica do Baixo Amazonas) na aula da disciplina de Arqueologia Histórica ministrada pela professora Marcela Andrade. Depois que li o texto do Funes (1995), onde ele menciona que a origem do quilombo Bom Jardim era de terras doadas por Maria Joaquina da Silva Ferreira para os seus “escravos”, eu quis ver esse inventário palpável, e o inventário do Barão de Santarém da Fazenda Taperinha.

5ª Etapa: Aprender a usar gps para marcar os pontos da comunidade.

6ª Etapa: Realização de genealogia das famílias de algumas pessoas ligadas a três vilas: Pinto, Pereira e Batista. Essas genealogias foram feitas por que não conseguia assimilar os nomes que apareciam nas entrevistas com o grupo familiar pertencentes, organizando em forma de genealogia, consegui compreender e chegar aos primeiros moradores que eram citados nas entrevistas.

7ª Etapa: Os mapas elaborados estão em formato de desenhos, principalmente as vilas, com a identificação das casas para permitir uma melhor compreensão do desenvolvimento da comunidade, mesmo morando no quilombo eu não tinha a compreensão sobre o processo de formação, nem como ele estava crescendo, nem qual era a maior vila das quais eu fiz, a que tinha o maior número de casas, os desenhos me ajudaram a compreender esses processos. Eu e meu filho Apolo Pinto, fizemos o mapa de memória das casas e de duas espécies de plantas seringueira e mangueira, pois essas árvores possuem relação direta com nossos antepassados. As mangueiras e seringueiras perto da casa (nº 1) de Flausina (Bela) na vila Pinto, foram plantadas pelo meu avô Joaquim Pinto. E as mangueiras perto do campo do Corinthians na vila Batista eram do tempo do sr. Pedro Batista um dos mais antigo dessa vila.

CAPÍTULO 4 - RESULTADO

A visita ao CDHBA (Centro de Documentação Histórica do Baixo Amazonas), foi motivada porque quando eu fiz a prova do PSEQ (Processo seletivo especial quilombola) da UFOPA eu li um artigo do Funes onde ele mencionava sobre o Inventário de Maria Joaquina da Silva Ferreira que deixou suas terras da fazenda Bom Jardim para os seus cativos.

Com a morte de José Francisco Ferreira em 1876, o desejo de Maria Joaquina se concretizou e, em 1877, a partilha das terras do Bom Jardim aconteceu. Todavia quase todos os cativos e herdeiros já haviam falecido, ficando a terra para os seus descendentes. (FUNES, 2005, p. 23)

Eu queria ver de perto esse documento histórico e saber a ligação dos escravizados do Bom Jardim e Murumurutuba, uma vez que minha avó materna Leonice mencionava que sua bisavó Maria Paulina foi escravizada nessa fazenda. E minha avó paterna Flausina falava que seu Pai Manoel Celestino foi escravizado nessa fazenda, haja vista que não encontrei esses nomes citados no inventário, sabemos que muitos escravizados eram obrigados a trocar o nome quando chegavam e quando fugiam também, outros recebiam nomes dos seus senhores, o que fica difícil achar esses nomes nos documentos. Além da visita feita durante a disciplina, retornei mais uma vez com a minha orientadora e com apoio do prof. Gefferson Ramos (historiador da UFOPA), encontramos vários documentos, mas também nos identificamos com um problema: a caligrafia utilizada nos documentos do século XIX não permitiam uma leitura direta. No projeto que temos do CNPq estamos pedindo apoio a colegas historiadores para sanar essa situação.

Nas falas dos entrevistados são narradas as histórias do nosso território constituído por famílias de negros aquilombados. Nesse trabalho apresento as informações que adquiri nas entrevistas e as que eu cresci ouvindo, junto com os textos da bibliografia que eu li para falar dessa formação do território.

Narrativas que dão conta de uma memória que constitui referência de identidade, reafirmada diante do outro, os de fora, e principalmente no momento que uma ameaça paira sobre seu território e o direito de ter a terra-terra de trabalho; terra nutridora. (FUNES, 2005, p. 40)

Através desse levantamento foi possível construir as genealogias para se chegar nas pessoas mais antigas conhecidas, e consegui chegar nos antepassados que foram mencionados durante as entrevistas, e é uma forma de deixar documentado para futuras gerações, uma vez que não temos isso registrado. Os nossos antepassados já estavam ocupando esse lugar há muito tempo e lutando pelo seu território. E com o reconhecimento do governo federal através do artigo 68 a luta continua para a titulação do que é nosso por direito. Território que cada vez mais é ameaçado por grandes fazendeiros e sojeiros. A luta continua por titulação e dias melhores no nosso quilombo.

4.1 O reconhecimento do Quilombo de Murumurutuba

Apesar da Constituição que rege o Brasil ser de 1988, as informações nela contida demoraram muito para serem divulgadas e, assim, conhecidas. A comunidade de Murumurutuba só teve informações sobre a questão do autorreconhecimento a partir do ano de 1995, quando uma pessoa por nome Elias Vasconcelos falou sobre o estudo feito por Eurípedes Funes. Ele convidou, na época, os senhores Benedito Mota (conhecido com Sr. Bena), Antonio Neto e Dileudo Guimarães para participarem de um congresso em Belém, onde a meta, ao retornar, seria formar associações comunitárias.

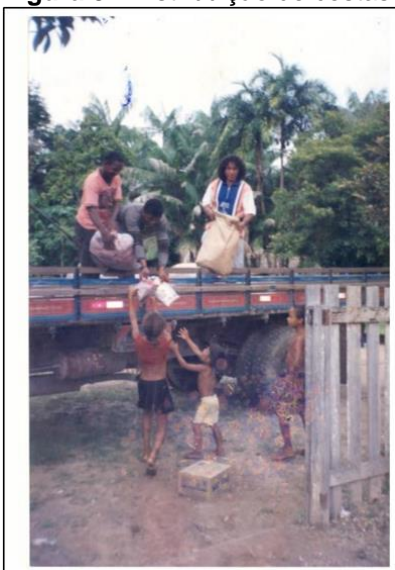
O Sr. Antonio Neto (entrevista em anexo) foi entrevistado no ano de 2019, por mim, ele relata que saiu de casa em casa convidando para uma reunião sobre o assunto, mais da maioria dos comunitários compareceram e foi aprovado o interesse da comunidade. O intuito da associação era ter o direito às terras, legalmente garantido pela Constituição de 1988, sendo que o primeiro passo era o reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares. Muitas discussões, oficinas e viagens, dos que estavam à frente do movimento, foram feitas para ajudar os comunitários a entender o processo de reconhecimento e realizar os estudos antropológicos. Somente em julho de 2003 foi fundada a AQMUS (Associação Quilombola de Murumurutuba), tendo como primeiro presidente Azemar Silva dos Santos. Através dos estudos de Funes (1995) foi possível ver o quanto a comunidade estava ligada com o maior plantel de escravos do Baixo Amazonas, a Fazenda Taperinha, relatos e notícias de jornal diz que os escravos fugiam de lá em direção onde hoje são os quilombos do Maicá. A comunidade também tem forte ligação com

a fazenda Bom Jardim, a minha avó Flauzina sempre falava que seu pai Manoel Celestino de Souza trabalhou na fazenda Bom Jardim.

Algumas pessoas não aceitaram o processo de autorreconhecimento como quilombola, acredito que por falta de conhecimento, afinal ser quilombola é uma questão de identidade, que por sua vez é construída junto ao coletivo. Dona Raimunda Pereira, uma mulher que foi muito importante para a construção da associação e o fortalecimento do movimento, foi entrevistada por mim mais de uma vez, nos anos 2019 e 2022 (entrevistas em anexo), ela relata que muitas vezes tinha que vir até Santarém para se reunir com pessoas de outras comunidades, não tinha dinheiro para café, almoço e nem lugar para se reunir, muitas vezes se reuniam debaixo das mangueiras da praça São Sebastião em Santarém, mesmo com todas as dificuldades cada vez mais o movimento se fortalecia.

A seguir algumas imagens antigas e atuais da comunidade, nas suas vivências como: distribuição de cestas básicas do programa fome zero (figura 8), na escola se trabalha ensinando o conhecimento tradicional e valorizando os mais antigos. Alunos na casa da dona Raimunda (ver figura 9), alunos com sr. Francelino já falecido, (figura 11 A) uma das pessoas mais antigas do quilombo na antiga escola, no prédio de madeira que durou até 1999 (figura 10 A). Conforme a figura 10 B vemos a atual escola feita pelo governo federal, conquistada a partir da luta quilombola. O dia da consciência negra no quilombo com o tema “sou negro, sou quilombola sou de pele e alma preta”, ver imagem 11 B

Figura 8 - Distribuição de cestas básicas do programa fome zero



Fonte: Mario Bentes.

Figura 9 - Dona Raimunda na sua casa contando as histórias para os alunos da comunidade



Fonte: Mario Bentes.

Figura 10 – (A) Crianças na antiga escola; (B) Atual Escola São Sebastião.



Fonte: A – Mario Bentes; B – Anne Rapp (2019).

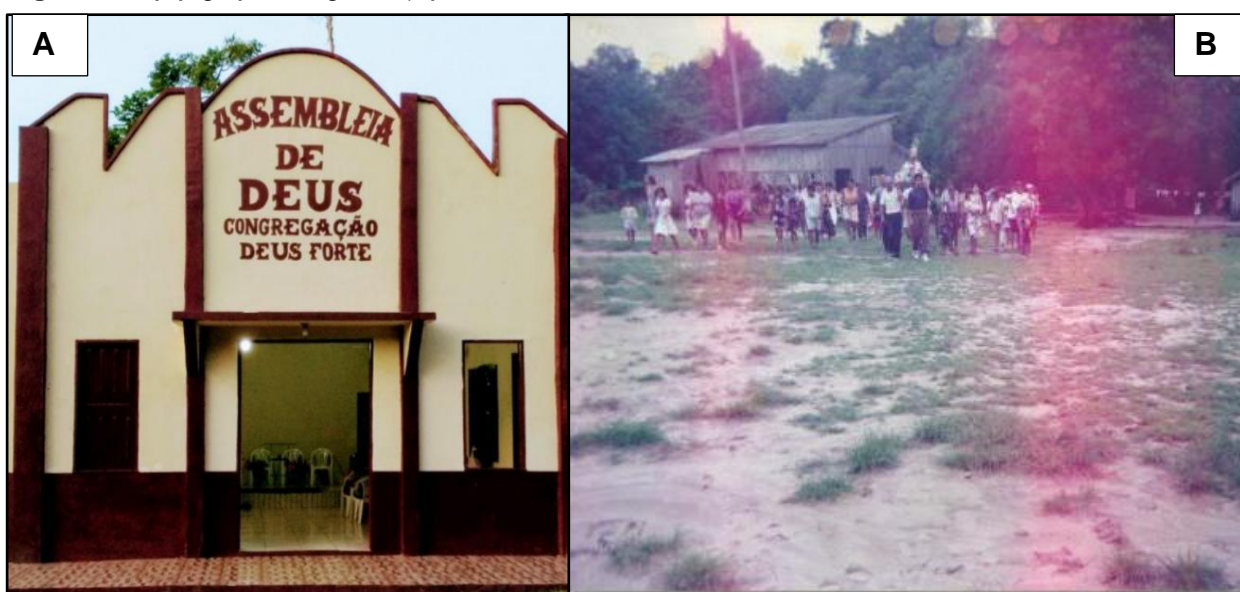
Figura 11 - (A) Alunos aprendendo com sr. Francelino. **(B)** Consciência negra 2004 no quilombo



Fonte: Mario Bentes.

Algumas práticas culturais estão presente no cotidiano dos moradores, a maioria dos quilombolas de Murumurutuba são de religião católica, devotos de São Sebastião, comemorando suas festividades no mês de janeiro, fazendo festas e procissão desde muito tempo, ver figura 12 B e alguns são evangélicos tendo na comunidade a congregação Deus Forte, ver figura 12 A

Figura 12 - (A) igreja evangélica **(B)**. Procissão do São Sebastião.



Fonte: **A** – Joaquin Pinto (2019). **B** – Mario Bentes.

Os alunos da escola São Sebastião são ensinados sobre a cultura quilombola, de acordo com a lei 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino da “*história e cultura afro-brasileira*” dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares do ensino fundamental e médio. É com os mais antigos dos alunos aprendendo sobre a história do quilombo. Por exemplo, Dona Silvana conta muitos relatos para os alunos, ver figura 13 no mês de novembro, quando é comemorado o dia da Consciência Negra. A escola São Sebastião tem um projeto chamado *Ressignificando história, memórias e saberes do Quilombo de Murumurutuba* em parceria com o projeto que eu desenvolvi “*Identificação dos principais temas históricos e arqueológicos para elaboração de material didático para as comunidades quilombolas de Santarém*”, dessa parceria já nasceu uma exposição de fotografias antigas e atuais contando a história do quilombo, ver figura 14

Figura 13 - alunos aprendendo com dona Silvana



Fonte: Mario Bentes.

Figura 14 - Exposição na escola são Sebastião 2019



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Figura 15 – (A) Replica de uma casa de farinha no quintal da escola. (B) Alunas recepcionando com banho de cheiro



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Hoje em dia, vários locais na comunidade só são conhecidos através dos relatos dos mais velhos como a primeira escola, primeira igreja, a primeira estrada e as primeiras casas. Dentro da comunidade as pessoas vêm se movimentando, mudando os locais de moradia, por causa de alguns fatores, como: a estrada, nos relatos dos mais antigos eles dizem que ela alagava; algumas casas próximas ao igapó também, com o tempo o local ficou encharcado. A localização atual de muitos

espaços antigos é auxiliada pelo ambiente, por exemplo, algumas árvores são marcadores de ocupação como uma seringueira na parte de baixo do sítio do Moura, que ainda é proprietário dessa parte, antes esse sítio pertenceu ao senhor Moró, ela é muito antiga. Há também uma mangueira, na parte da serra onde é a área de terra preta, ela é muito grande, através de relatos sabemos que ela já está ali há muito tempo.

O que descrevemos a seguir é a junção dessas informações, vindas da História Oral (entrevistas e relatos dos moradores antigos), dos percursos/mapeamentos da comunidade e genealogias construídas a partir das informações

4.2 A formação de Murumurutuba

A comunidade de Murumurutuba teve como primeiros moradores: Pedro Batista, Dionísio Rabelo, Boaventura. “Todas as famílias estão ligadas aos antigos moradores; Pedro Batista, Boaventura Marciano dos Santos e Dionísio Rabelo.” (O'DWYER; SOARES, 2011, p.11).

Através de uma entrevista feita com uma moradora, Dona Silvina Santos (entrevista em anexo), no ano de 2019, ela relata que seu bisavô por parte de pai, veio do Ituqui, olhou para essas terras e viu que seria bom eles se mudarem da várzea para a terra firme onde dava para plantar e viver bem. Quando vieram, sua avó estava grávida de sua mãe, chegando no local, próximo à serra ainda tinham indígenas morando, mas que não quiseram contato. Os indígenas foram embora, sua avó ainda achou vasilhas de cerâmica inteiras, alguidar, potes, peneira de palha. Esse local tem uma grande área de terra preta, e é utilizado para plantações, a casa que fizeram, naquela época, foi ao pé da serra, depois mudaram por causa da água, que ficava mais na parte de baixo.

4.3 Descrição da comunidade de Murumurutuba hoje

Em Murumurutuba existem os grupos familiares Bentes, Pinto, Pereira, Batista e Rocha/Araújo. “Os grupos Pinto e Batista são maiores em relação ao número de pessoas, o local onde moram sendo chamado pelos moradores de ‘vila Pinto’ e ‘vila

Batista” (O'DWYER; SOARES, 2011, p.31). Para entender a formação da comunidade é importante entender que ela está diretamente ligada às pessoas e à história de vida das pessoas que moram e moravam nela. As vilas Pinto, Pereira e Batista, são compostas por gerações sucessivas, seus primeiros moradores vêm do Ituqui e Saracura, foram os primeiros a chegarem para formar a comunidade.

Em relação a outros grupos familiares existentes na comunidade, é importante perceber que os contextos de acesso à terra são diferentes. O grupo familiar Bentes chegou posteriormente a Murumurutuba que os outros grupos familiares” (O'DWYER; SOARES, 2011, p.35)

Nas páginas seguintes traremos descrições detalhadas dessas famílias, é importante que as genealogias e os mapas desenhados sejam analisados simultaneamente.

4.3.1 Vila Bentes

A vila dos Bentes, ver figura 16, fica na entrada da comunidade, é nessa vila que fica a escola atual, figura 16, eles chegaram depois dos primeiros moradores, mas estão engajados desde o início do movimento quilombola.

Figura 16 – Mapa da Vila Bentes.



Fonte: Elaine Pinto via google Earth (2023)

Há outros moradores que também não nasceram aqui, que são de outro local, mas que se consideram quilombola, como é o caso da dona Nilma Dolzane, ela nasceu na cidade de Juruti, casada com o senhor Benedito Reis que nasceu no Itaquí. Como mencionado antes, ser quilombola é uma questão de identidade, dona Nilma é agente de saúde na comunidade, tem conhecimentos na medicina tradicional, é respeitada na comunidade e faz parte da diretoria da associação.

4.3.2 Vila Pinto

Através das entrevistas, e com ajuda de meu pai, conseguimos montar algumas genealogias das Vilas Pinto, Pereira e Batista. As genealogias foram construídas para se chegar aos primeiros nomes mencionados como os fundadores do quilombo, os pontos de memória estão ligados entre eles, as genealogias foram de: Clarinda Maria de Jesus, Antonio de Jesus Pinto, Raimunda Pereira dos Santos e Azemar Silva Santos. Esses documentos agora nos auxiliam a entender o desenvolvimento das vilas com as novas gerações. Abaixo o mapa da Vila Pinto na figura 17, e a vista aérea na figura 18 e na figura 19, é o mapa que desenhei de acordo com o número de casas da Vila Pinto.

Figura 17 -Mapa da Vila Pinto



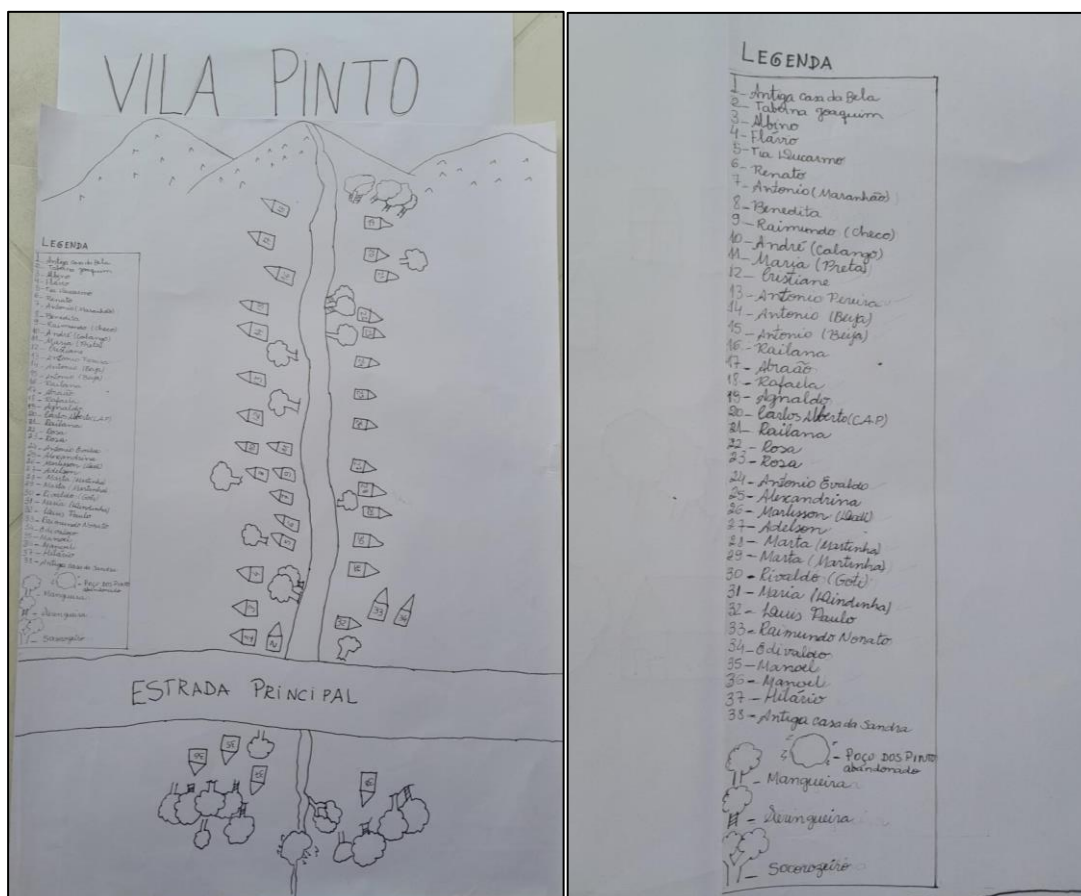
Fonte: Elaine Pinto via google Earth (2023)

Figura 18- Vista aérea, Vila Pinto



Fonte: Luan Pinto (2020)

Figura 19- Desenho da Vila Pinto



Fonte: Autora (2023)

De acordo com o relato dos mais antigos os primeiros moradores vieram do Ituqui, Saracura e Bom Jardim. A vila Pinto nasceu e cresce atualmente a partir de uma família. A vila tem como principal pessoa a chegar o senhor Dionísio Rabelo, que veio do Ituqui, segundo Antônio de Jesus Pinto (conhecido como Beija), ele era pai de Clarinda Maria de Jesus, que casou com Antonio Oliveira Pinto (Toti) vindo do Ituqui e tiveram quatro filhos: Manoel de Jesus Pinto, Joaquim de Jesus Pinto, Maria Ducarmo de Jesus Pinto e Maria de Jesus Pinto, estes são os principais herdeiros e conhecidos pelos mais Jovens. Vale ressaltar que as terras eram herança de Clarinda Maria de Jesus, de acordo com O'Dwyer e Soares (2011) a sra. Flauzina menciona que muitas coisas aqui eram do Dionísio, inclusive as terras que hoje pertencem à família Bentes.

Manoel de Jesus Pinto, nasceu no ano de 1925, era pescador e benzedor muito conhecido pelas suas rezas, casou com Maria Alexandrina e tiveram 9 filhos, um já é falecido, quatro filhos e dois netos têm casa no quilombo. Na figura 19, desenhei a distribuição das casas na Vila Pinto. Filhos: Rosa (casa22,23), Antônio Pereira (casa 13), Hilário (casa37) e Sandra (casa38). Netos: Cristiane (casa12) e Antônio Evaldo (casa24).

Joaquim de Jesus Pinto nasceu no ano de 1927, foi seringueiro e agricultor, casou com Flausina de Jesus Pinto, filha de Manoel Celestino, ex-escravo do Bom Jardim e Maria de Souza, oriunda do quilombo de Saracura. Tiveram 19 filhos dos quais somente 13 são vivos, quatro filhos e três netos têm casa no quilombo. Filhos: Antônio (Beija) (casa14,15), Manoel (casa35,36), Joaquim (casa2), Lúcia (mora na vila Batista), Albino (casa3). Netos: Rafaela (casa18), Railana (casa16,21) e Abraão(casa17). A antiga casa de D. Flausina é a casa (1).

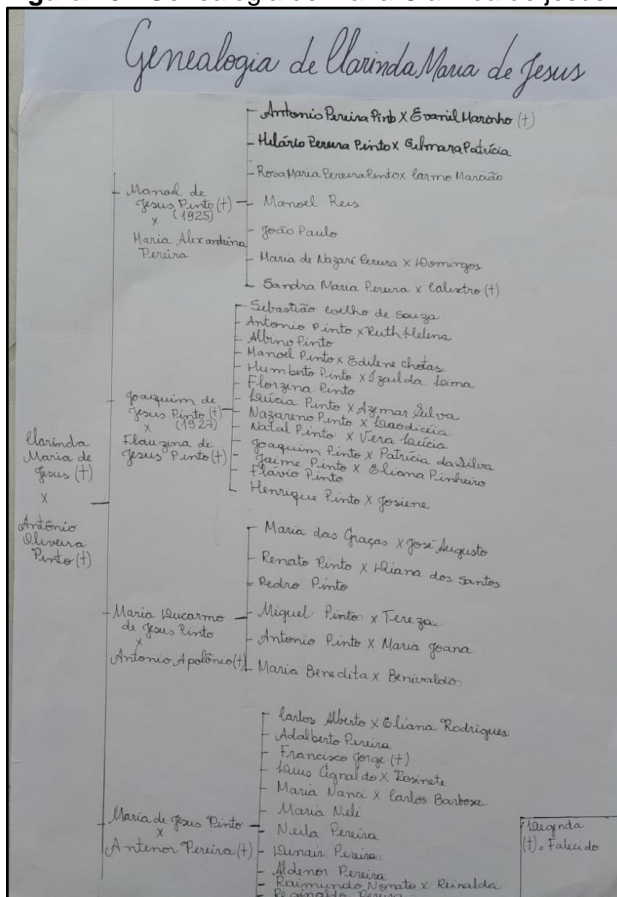
Maria Ducarmo (casa 5 casou com Antônio Apolônio que era irmão de Flausina de Jesus Pinto, tiveram sete filhos dos quais quatro filhos e quatro netos têm casa na comunidade. Filhos: Renato(casa6), Antonio(casa7), Benedita(casa8), Maria das Graças (tem um terreno entre vila Pereira e Batista). Netos: André(casa10), Raimundo (casa9), Maria(casa11), Marlisson (casa26).

Maria de Jesus Pinto (casa 31) casou com Antenor Pereira e tiveram onze filhos, quatro filhos e quatro netos têm casa no quilombo. Filhos: Agnaldo(casa19),

Carlos Alberto (casa 20), Marta (casa 28,29) e Raimundo Nonato(casa33). Netos: Adelson (casa 27), Rivaldo(casa30), Luis Paulo(casa32), Edivaldo(casa34).

4.3.2.1 Genealogia de Maria Clarinda de Jesus

Figura 20 - Genealogia de Maria Clarinda de Jesus



Fonte: Autora (2023)

Maria Clarinda de Jesus (figura 20) casada com Antônio Oliveira Pinto, teve quatro filhos, cronologicamente: Manoel de Jesus Pinto (nascido em 1925), Joaquim de Jesus Pinto (nascido em 1927), Maria Ducarmo de Jesus Pinto (sem data de nascimento conhecida), Maria de Jesus Pinto (sem data de nascimento conhecida).

Manoel de Jesus Pinto foi casado com Maria Alexandrina seus filhos são: Antonio Pereira Pinto, casado com Evanil Marinho Pinto; Hilário Pereira Pinto, casado com Gilmaria Patricia; Rosa Maria Pereira Pinto, casada com Carmo Marcião; Manoel Reis; João Paulo; Maria de Nazaré Pereira Pinto, casada com Domingos; e Sandra Maria Pereira Pinto casada, com Calixto Pereira.

Joaquim de Jesus Pinto, foi casado com Flauzina de Jesus Pinto (1932), seus filhos são: Sebastião Coelho de Sousa; Antônio de Jesus Pinto, casado com Ruth Helena dos Santos; Albino de Jesus Pinto; Manoel de Jesus Pinto casado, com Edilene Chotas; Humberto de Jesus Pinto, casado com Izailda; Florzina de Jesus Pinto; Lúcia de Jesus Pinto, casada com Azemar Silva; Nazareno de Jesus Pinto, casado com Laudiceia; Natal de Jesus Pinto, casado com Vera Lucia; Joaquim de Jesus Pinto, casado com Patrícia da Silva; Jaime de Jesus Pinto, casado com Eliana Pinheiro; Flávio de Jesus Pinto; Henrique de Jesus casado, com Josiene.

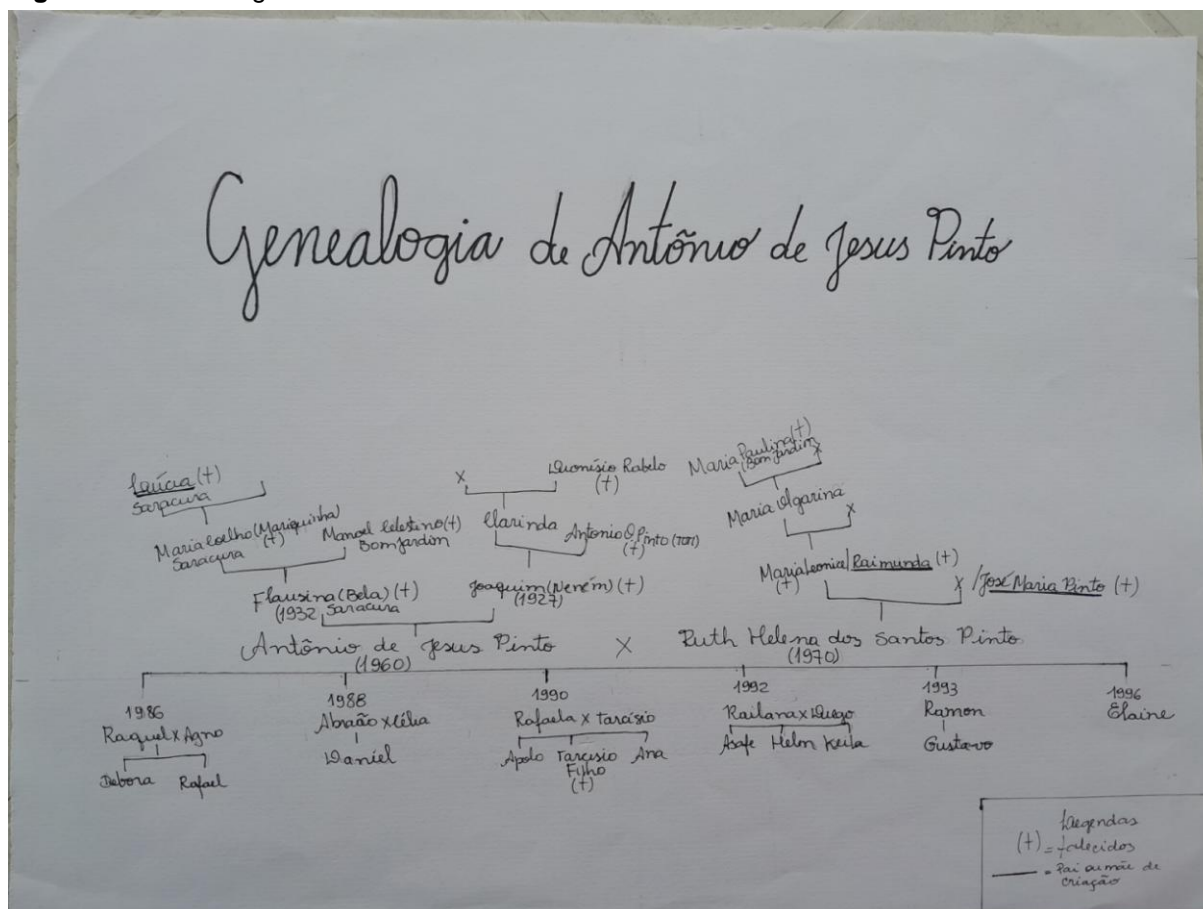
Maria Ducarmo de Jesus Pinto, casada com Antônio Apolônio, teve: Maria das Graças de Jesus Pinto, casada com José Augusto; Renato de Jesus Pinto, casado com Diana dos Santos; Pedro de Jesus Pinto; Miguel de Jesus Pinto, casado com Tereza; Antônio de Jesus Pinto, casado com Maria Joana Costa; Maria Benedita Jesus Pinto, casada com Benivaldo.

Maria de Jesus Pinto, casada com Antenor Pereira, teve: Carlos Alberto, casado com Eliana Rodrigues; Adalberto Pereira; Francisco Jorge; Luís Agnaldo, casado com Rosinete; Maria Nanci, casada com Carlos Barbosa; Maria Neli; Neila Pereira; Dinair Pereira; Aldenor Pereira; Raimundo Nonato casado com Reinalda; Reginaldo Pereira. Os filhos não estão em sequência cronológica, e nem estão até a geração mais atual.

A seguir, no próximo tópico, na figura 21 continuamos a genealogia com Antonio de Jesus Pinto, meu pai e morador da Vila Pinto.

4.3.2.2 Genealogia de Antonio de Jesus Pinto

Figura 21 - Genealogia de Antônio de Jesus Pinto



Fonte: Autora (2023)

Antonio de Jesus Pinto (nascido em 1960), casado com Ruth Helena dos Santos Pinto (nascida em 1970). Os pais de Antonio são: Joaquim de Jesus Pinto e Flausina de Jesus Pinto, seus avós maternos: Maria Coelho de Souza e Manoel Celestino. Seus avós Paternos: Clarinda Maria de Jesus e Antonio Oliveira Pinto, sua bisavó materna se chamava Lúcia, enquanto que o Bisavô paterno era Dionísio Rabelo.

Ruth Helena dos Santos, filha de Maria Leonice dos Santos, neta de Maria Olgarina dos Santos, Bisneta de Maria Paulina dos Santos. Foi criada por Raimunda Nogueira e José Maria Pinto (nascido em 1912).

Ruth e Antonio têm 6 filhos: Raquel Pinto Soares (nascida em 1986), casada com Agno Soares, seus filhos: Debora e Rafael; Abraão Antunes (nascido em 1988), casado com Maria Célia, filho: Daniel; Rafaela dos Santos Pinto (nascida em 1990),

casada com Tarcisio Pinto, filhos: Apolo, Tarcisio Filho, Ana Livia; Railana Pinto (nascida em 1992), casada com Diego Paes, filhos: Asafe, Ellem, Keyla; Adson Ramon (nascido em 1993), com um filho: Luís Gustavo; Elaine dos Santos Pinto (nascida em 1996). Esses são os filhos e netos de Antonio até a geração atual, estão na ordem cronológica.

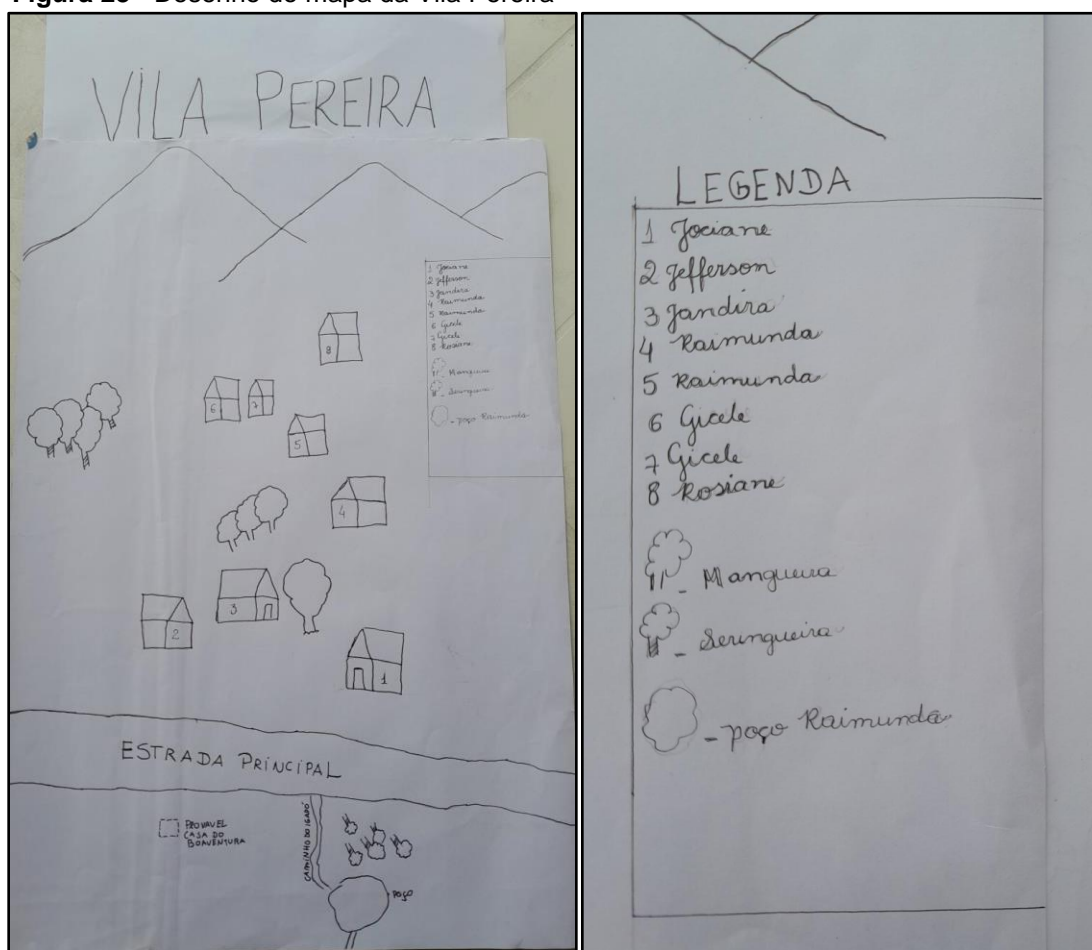
4.3.3 Vila Da Raimunda Pereira.

Figura 22 - Mapa da Vila Pereira



Fonte: Elaine Pinto via google Earth (2023)

Figura 23 - Desenho do mapa da Vila Pereira



Fonte: Autora (2023)

De acordo com os relatos de D. Raimunda Pereira, entrevistada em 2019 e 2022, quando seu avô Boaventura Marciano e seu irmão Amâncio Marciano chegaram na região do Ituqui chamada Tatu (praia), um antigo quilombo que hoje é conhecido como quilombo Nova Vista do Ituqui, desceram cinco irmãos que vieram da África, Boa Ventura Marciano dos Santos, Amâncio Gomes dos Santos, Lauriano, Josefa e Mariazinha. Ficaram por lá, mas devido uma grande cheia não tiveram como permanecer, precisavam de terras para plantarem e morarem. Então subiram para essas bandas de Murumurutuba, ao subir viram que tinham uns habitantes nas partes da serra que eram indígenas e no caminho viram cruzeiros vermelhos e pensaram ser um aviso para não prosseguirem e voltaram. Passou um tempo e vieram ver as terras de novo as cruzeiros vermelhos ainda estavam lá e mais uma vez voltaram.

Então um certo dia eles avistaram fumaça e ao se aproximarem mais um pouco escutaram barulho e quebra de alguma coisa, depois de três dias a fumaça cessou e tudo ficou silêncio, foi aí que resolveram subir mais uma vez, só foi

encontrado restos de cacos de cerâmica, palhas queimadas e uma casa derrubada, foi como um ritual de despedida que os indígenas fizeram esses materiais.

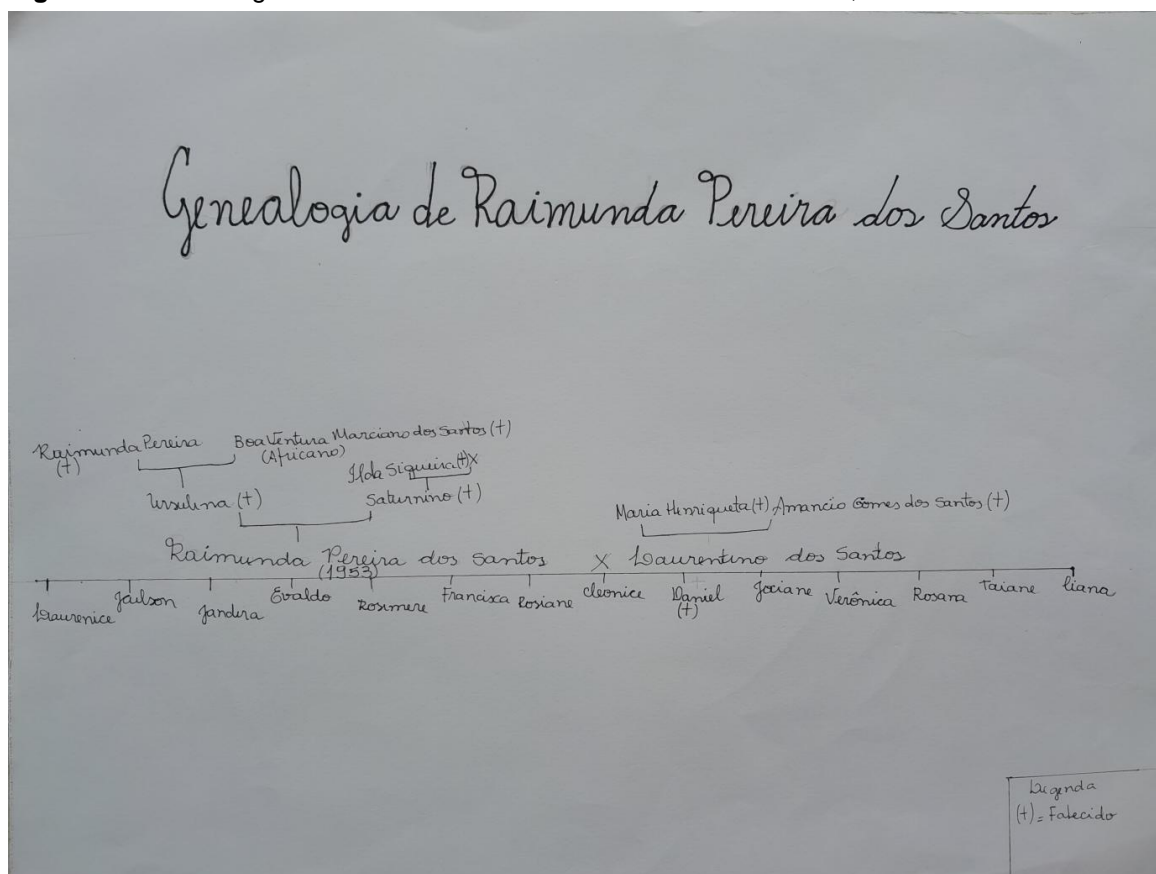
Então cada irmão tirou um pedaço de terra. O Senhor Boa Ventura Marciano dos Santos casou em Murumurutuba e hoje a terra que pertenceu a ele é conhecida como a vila da dona Raimunda Pereira, conforme a figura 22, casada com o senhor Laurentino dos Santos, filho de Amâncio Gomes dos Santos, eles tiveram quatorze filhos. Como mencionamos, ela é uma grande liderança da comunidade foi pioneira na luta do movimento quilombola em Santarém, ajudou na fundação da associação quilombola e da FOQS.

Na sua vila (ver figura 23) as filhas que têm casa são, Jociane (casa 1), Rosiane (casa 8), Jandira (casa3) e seus netos: Jefferson (casa2) e Gicele (casa7).

Antigamente, antes da chegada da energia elétrica, utilizavam um pequeno poço que fica do outro lado da estrada perto do igapó.

4.3.3.1 Genealogia de Raimunda Pereira dos Santos

Figura 24 - Genealogia de Raimunda Pereira moradora da Vila Pereira, família formadora desta vila



Fonte: Autora (2023)

Raimunda Pereira dos Santos (nascida em 1953) casada com Laurentino dos Santos. Os pais de Raimunda são: Ursulina e Saturnino, seus avós maternos são: Raimunda Pereira e Boaventura Marciano dos Santos. Sua avó paterna se chamava Ilda Siqueira. Laurentino dos Santos era filho de Maria Henriqueta e Amâncio Gomes dos Santos.

Raimunda e Laurentino tiveram 14 filhos: Laurenice, Jailson, Jandira, Evaldo, Rosimere, Francisca, Rosiane, Cleonice, Daniel, Jociane, Verônica, Rosana, Taiane, Ciana. Seus filhos não estão na ordem cronológica.

4.3.4 Vila Batista

Figura 25 - Mapa da Vila Batista



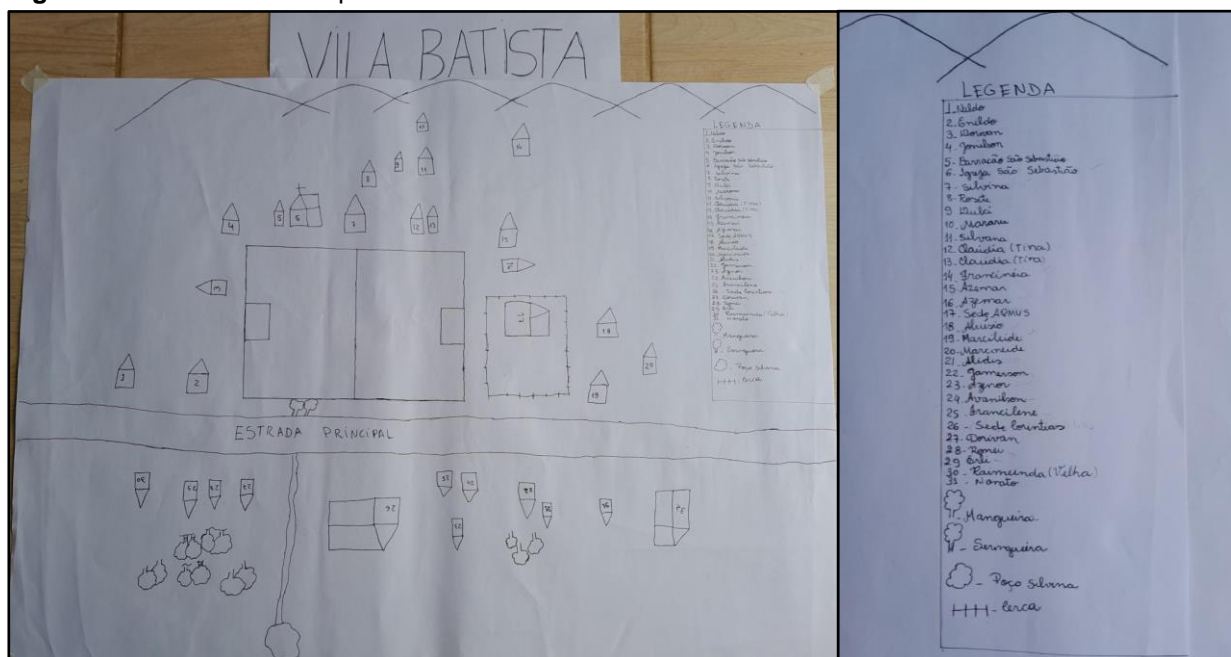
Fonte: Elaine Pinto via google Earth (2023)

Figura 26 - Mapa da Vila Batista



Fonte: Luan Pinto (2020)

Figura 27 - Desenho do mapa da Vila Batista



Fonte: Autora (2023)

A vila Batista, que vemos nas figuras 25 e 26, tem como principal fundador o sr. Pedro Batista, que se casou com Maria Rufina e tiveram filhos, os que moraram e construíram famílias foram: Maria Silvina Silva e Maria Josefina Silva. Maria Silvina Silva nasceu em Murumurutuba em 1943, foi casada com Bianor Maciel dos Santos, que pertencia ao quilombo de Saracura, tiveram 13 filhos. Dona Silvina (casa7) se

aposentou como pescadora, hoje é viúva, mora perto do campo de futebol do Corinthians e da Igreja católica de São Sebastião. Seus filhos, que moram na comunidade, são Enildo (casa2), Jonilson (casa4), Erli (casa29), Dorivam (casa3,27), Rosete (casa8), Ronei (casa28) e Raimunda (casa30).

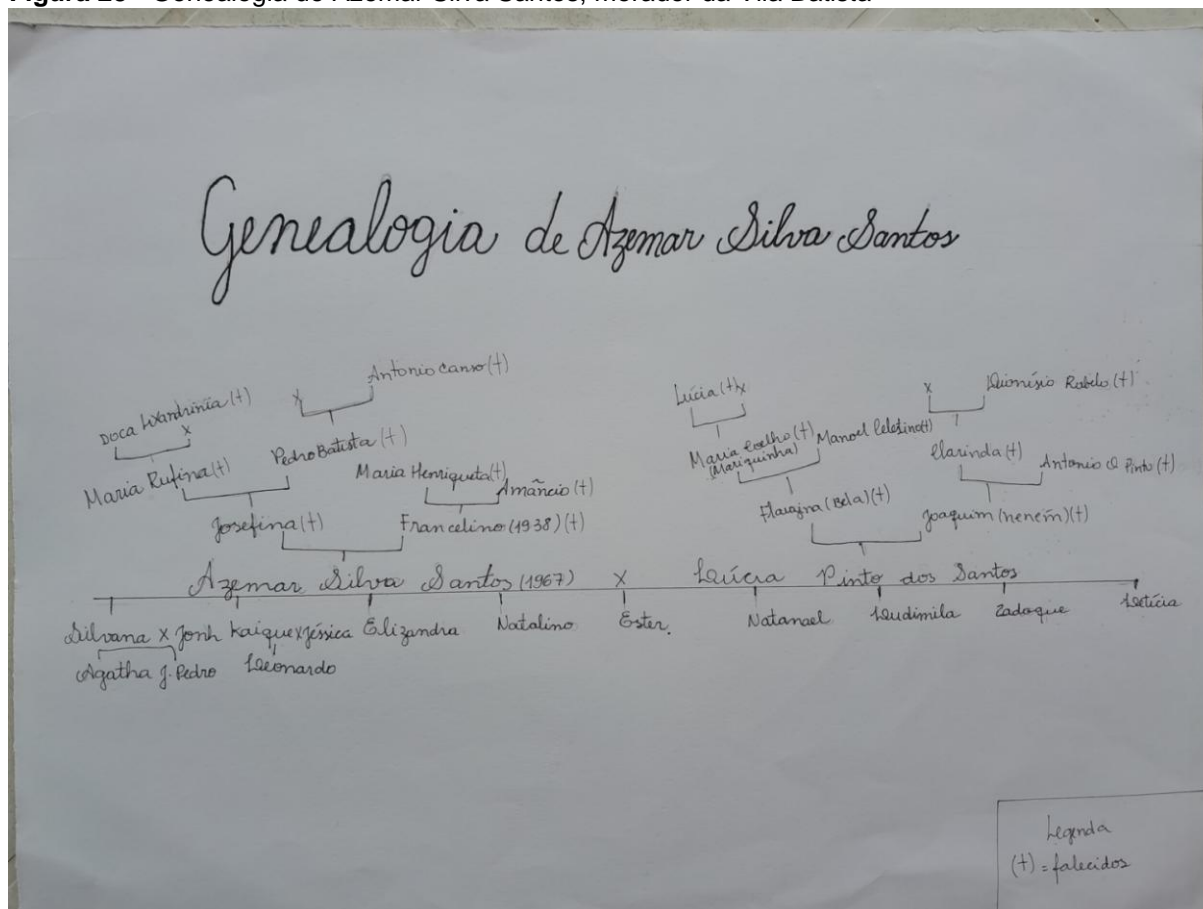
Maria Josefina foi casada com o senhor Francelino dos Santos, que nasceu no ano de 1938, filho de Amâncio Marciano dos Santos. Ambos falecidos. Maria Josefina era artesã fazia artesanatos de palha, esse conhecimento ela transmitiu para seus filhos, inclusive Azemar Silva. Algumas vezes ensinava os alunos da escola em época de uma feira que acontecia na cidade na praça São Sebastião, a Feira da CULTURA POPULAR, ela sempre ajudava nos preparativos dos artesanatos. Alguns de seus filhos moram no quilombo, Cláudia (casa13), Francinéia (casa14), Azemar (casa15,16), Azenor (casa23), Avanilson (casa24), Alidis (casa21), Francilene (casa25), Dulcineia (casa9), Aluisio (casa18) e seus netos que possuem casa Silvana (casa7), Jamerson (casa22), Marcileide (casa19) e Marcineide (casa20), ver figura 27.

O neto do Pedro Batista, Carlos Augusto dos Santos (casa 10) filho de Maria Raimunda Batista dos Santos. O senhor Nonato (casa31), filho de Xaró e Antonia (irmã de Amancio, que era pai de Francelino dos Santos)

Na Vila Batista é onde está localizado o campo do Corinthians, a igreja Católica (6) que tem como padroeiro São Sebastião, a sede da Associação AQMUS (17), a igreja evangélica congregação Deus Forte (32) e a sede do Corinthians (26).

4.3.4.1 Genealogia de Azemar Silva Santos

Figura 28 - Genealogia de Azemar Silva Santos, morador da Vila Batista



Fonte: Autora (2023)

Azemar Silva Santos (nascido em 1967) casado com Lúcia Pinto dos Santos. Os pais de Azemar são: Josefina Silva e Francelino dos Santos (1938), seus avós maternos são Maria Rufina e Pedro Batista, sua bisavó materna Doca Lixandrina, seu bisavô materno Antonio Canso, avós paternos: Maria Henriqueta e Amâncio Gomes dos Santos.

Lúcia de Jesus Pinto, mencionada anteriormente, é filha de Joaquim de Jesus Pinto e Flausina de Jesus Pinto, seus avós maternos: Maria Coelho de Souza e Manoel Celestino, seus avós Paternos: Clarinda Maria de Jesus e Antonio Oliveira Pinto. Sua bisavó materna era: Lúcia, e a bisavô paterna: Dionísio Rabelo.

Os filhos de Azemar e Lúcia são: Silvana casada com Jonh Lennon, filhos: Ágatha e Jonh Pedro; Landolfo Kaique casado com Jéssica, filho: Leonardo;

Elizandra, Natalino, Ester, Natanael, Ludimila, Zadoque e Letícia. Essa genealogia está até a geração atual.

As genealogias dessas famílias apresentadas aqui e os desenhos dos mapas são exemplos de alguns dos moradores, pois existem mais vilas e famílias que moram no quilombo.

O último grupo familiar é dos Rocha/Araújo, ver figura 29, a última casa desse grupo é do sr. Carlos Alberto da Silva e dona Regina Célia Rocha, logo depois é o quilombo Bom Jardim. Dona Regina é filha de dona Palmira.

Dona Palmira Rocha nasceu em Murumurutuba em 1925. O Pai de dona Palmira tinha uma posse que ia do “barracão” do Sacramento- onde realizam festejos da comunidade- até o igarapé do Gerson. Essa área foi dividida em herança pelo pai, entre sete irmãos, incluindo dona Palmira que é caçula”. (O'DWYER; SOARES, 2011, p.37)

De acordo com os relatos dos mais antigos eles dizem que a estrada que temos hoje não é a mesma do começo da comunidade, devido ela ser próxima a áreas que alagam, no período da cheia (inverno) ela encharcava dificultando o acesso às primeiras casas, que estão na parte de baixo da estrada principal. Os moradores que tinham suas casas perto dessa área que alagava, viram a necessidades de construir outras casas no sentido da serra.

Figura 29 - Mapa da Vila Rocha



Fonte: Elaine Pinto via google Earth (2023)

CAPÍTULO 5 - DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

A paisagem amazônica oferece aos seus habitantes um local diversificado com várzea, igapós, rios e terra firme. “Por meio de suas práticas culturais, de seus recursos simbólicos- que são portadores de significado- os remanescentes de quilombo dessa localidade participam de uma forma de vida” (SOARES; O’DWYER, 2011, p.40). Essa diversidade está presente na vida dos quilombolas, uma vez que nós precisamos desse espaço para nossa sobrevivência. No quilombo usamos nossos rios para pescar, nosso igapó para tirar açaí e nossas matas para coleta de frutas e fazermos nossos roçados. Desde os nossos antepassados até os dias atuais utilizamos desses meios para sobrevivência

Com o passar do tempo acontecem modificações nas paisagens e no espaço, as antigas casas ficavam mais próxima ao igapó, onde passava a antiga estrada (passava perto do antigo poço da vila pinto), houve uma necessidade dos moradores se mudarem para mais próximo a serra devido a área ficar cada ano mais encharcada, pelo período da enchente que ocorre todos os anos. As vilas vão crescendo por causa da regressão de muitas pessoas voltando para comunidade, muitos saem ainda jovens e quando voltam já têm sua família e filhos, fazem casas próximo a seus pais, isso ocorre em todas as vilas. E com o programa de habitação rural, que o quilombo foi contemplado, muitos que moravam juntos tiveram a oportunidade de ter sua casa própria e outros terem novas casas e a antiga casa ficando desocupada, mas ocupando espaço como no caso da dona Marta na vila Pinto (casa n 28, 29) e outros conseguiram construir casa nova, mas deixando a antiga do lado como Antonio Pinto (casa n 14,15). Essas movimentações estão presentes em todas as vilas.

Através das genealogias consegui chegar na profundidade temporal até o ano de 1912 que é o ano de nascimento de José Maria Pinto pai de criação de Ruth Helena dos Santos minha mãe, e tio dos quatro herdeiros Manoel (1925), Joaquim (1927), Maria e Maria Ducarmo. Para os primeiros moradores, mencionados como fundadores, não se têm a informação de datas de nascimento, mas quase certamente são do final do século XIX.

Os espaços comunitários estão inseridos dentro das vilas, como a escola que fica na vila Bentes, a igreja católica, a igreja evangélica, campo de futebol e sede da

associação estão localizados na vila Batista. Esses espaços são utilizados por todos os comunitários.

O estudo no quilombo me proporcionou trabalhar com a memória viva dos mais antigos e, através das histórias contadas pelos antepassados, foi possível saber mais sobre a formação do quilombo. As entrevistas sobre o território foram o caminho para o entendimento sobre nossas raízes e foi a partir das informações que obtive com os meus entrevistados que consegui montar a árvore genealógica das famílias que tiveram seus antepassados como os primeiros a chegarem na comunidade.

O processo de fuga dos escravizados deu origem aos quilombos, lugar onde encontraram refúgio e recomeço para suas vidas e, apesar das perseguições, conseguiram guardar na memória e reproduzir nos quilombos a cultura viva de seus antepassados. As comunidades quilombolas estão ligadas entre si em laços de parentesco ou matrimoniais.

Como é possível ver nas genealogias das diferentes famílias percebemos que apesar da manutenção espacial em vilas há muitos casamentos entre famílias.

Trazer nossa história diante da comunidade é mergulhar fundo na vida das pessoas, é ativar a memória e as lembranças que para muitos estavam esquecidas. Através das fotografias antigas é possível voltar no tempo, foi com o sentimento de ativar a memória, trazer a lembrança e valorizar as pessoas da comunidade que realizamos uma exposição de história e fotografias de pessoas antigas, valorizando esses protagonistas dessa luta que teve início no século XVI quando começa o tráfico negreiro. Somos a semente daqueles que lutaram bravamente por sua libertação. “Os troncos velhos se acabaram, ficou essas raizinhas, sementezinhas, aí como eu”. (FUNES, 1995, p. 1)

Os comunitários da frente do movimento quilombola sempre nos falaram em reuniões que queriam um retorno de nós quando entrássemos na universidade. Esse trabalho é uma forma de reconhecimento pelas lutas, e pela história que não sido escrita até agora, é muito importante ver que somos capazes de escrever as nossas histórias. Hoje posso ver a valorização desse trabalho através do convite que recebi para participar como palestrante no ano de 2019 e 2022 do curso de formação dos professores, ver figuras 30 e 31, que atuam nas escolas quilombolas da rede municipal

de ensino de Santarém. E atuar junto com alguns estudantes e o professor Mário Bentes (SEMED e presidente de Murumurutuba) no preparatório dos candidatos no processo seletivo especial quilombola da Ufopa no nosso quilombo.

Figura 30 - Curso de formação de professora quilombolas



Fonte: Acervo do projeto (2022)

Figura 31 - Patrícia Marinho, Elaine Pinto e eu.



Fonte: Acervo do projeto (2022)

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Rosa; CASTRO, Edna. **Negros do Trombetas: guardiões das matas e dos rios**. 2ª ed., Belém: Cejup/UFPA-NAEA, 1998.

CARVALHO, Patrícia Marinho de. **Visibilidade do negro: arqueologia do abandono na comunidade quilombola do Boqueirão-Vila Bela/MT**. Tese (Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia Universidade de São Paulo. 2018.

FUNES, Eurípedes. **Nasci nas matas nunca tive senhor- histórias e memórias dos mocambos do baixo Amazonas**. Tese (doutorado). Universidade federal do Ceará. 1995

FUNES, Eurípedes A. **Bom Jardim, Murumurutuba, Tiningú, Ituqui, Saracura, Arapemã Terras de Afro-amazônidas: “Nós já somos a reserva, somos os filhos deles”**. São Paulo:CPISP,2005.

MATTOS, Hebe. **“Remanescentes das comunidades dos quilombos”**: memória do cativera e políticas de reparação no Brasil. (8 pg). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revus/article/view/13486/15304>. Acessado em 20 jan. 2023

MEIHY, José Carlos Sebe; HOLANDA. Fabíola. **História Oral: como fazer como pensar**. -2. ed.,3ªreimpressão-São Paulo:Contexto,2014.

O'DWYER. Eliane Cantarino. SOARES. Mariana Pettersen. **Relatório Antropológico de identificação da comunidade remanescente de quilombo Murumurutuba**. Programa de pesquisa identificação e delimitação das comunidades quilombolas do oeste do Pará. Centro de estudos Gerais. Universidade Federal Fluminense. 2011.

RAPP PY-DANIEL, Anne; BISPO, Cíntia dos Santos Moreira. **Interseções de conhecimentos etnográficos e arqueológicos em contextos do Baixo Amazonas: O caso do território do Aiaía em Santarém, Pará**. Santarém, 2017. Disponível em: https://www.xxcongresso.sabnet.org/resources/anais/8/1567734897_ARQUIVO_resumoexpandido.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. Universidade de Brasília, Brasília: INCTI/UnB, junho 2015.

SOUZA, Edileuza Penha de. NUNES, Georgina Helena Lima; MELO. Willivane Ferreira de. **Memória, territorialidade e experiência de educação escolar quilombola**. Pelotas: Ed. UFPel,2016.

ANEXO A

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

As pessoas entrevistadas moram no quilombo desde seu nascimento, através das suas memórias foi possível mergulhar nas raízes e chegar nos seus antepassados. Suas memórias possibilitaram trazer pessoas que os mais jovens nunca ouviram falar, uma memória que possibilitou trazer o passado para o presente descrevendo pessoas lugares e causando emoções ao serem lembradas. Cada entrevistado traz consigo uma memória dos seus antepassados, do que ouviram dos pais ou avós, e quando transmitiam era com alegria para não ficar no passado, vou reproduzir o que eu vi, o que me contaram, o que gravei ou o que eu me lembro.

Algumas entrevistas foram conversas onde não foram permitidas gravações e sim anotações, somente a segunda entrevista de Raimunda Pereira foi gravada.

ANTONIO DE JESUS PINTO

Figura 32 - Antônio de Jesus



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Nasceu em 11 de novembro de 1960, filho de Joaquim de Jesus Pinto (Nenê) e Flauzina de Jesus Pinto (Bela). Contou que seu pai falava pra ele sobre as primeiras pessoas que moraram na comunidade João Moró, pai de dona Paula, uma senhora que morou tanto na parte de baixo como na parte de cima do terreno que hoje é do Eduardo Moura. Quando ela morava na parte de cima já existia essa terra preta, ele lembra que plantou arroz, capim com o Moura, calculadamente essa terra preta mede umas vinte tarefas (cinco hectares). Hoje em dia ainda existe marcas do antigo caminho, ele se recorda que quando tinha uns oito anos eles subiam em procissão com o São Pedro onde eles festejavam na casa de dona Paula que morava na área de terra preta. Esse caminho eles usavam muito pra subir e descer com água, pois a fonte mais próxima ficava no vilarejo cerca de um quilometro. Seu Antonio Pinto (Beija) mencionou também sobre seu avô paterno Antonio Oliveira Pinto (Tote) veio de um Paraná do Ituqui para morar no quilombo, junto com seu irmão José Maria Pinto (Zé Pinto) um grande curandeiro que já existiu no lugar, conhecido por muitos tanto da área de planalto como da várzea, foi o primeiro curandeiro da comunidade.

ANTONIO PEREIRA PINTO

Figura 33 - Antônio Pereira Pinto



Fonte: Cristiane Marinho (2018)

Nasceu em 12 de junho de 1954, filho de Manuel de Jesus Pinto e Maria Alexandrina Pereira Pinto. Foi presidente da Associação local e da FOQS (Federação das Organizações Quilombolas de Santarém).

A história que eu conheço da comunidade é de muita luta, muito trabalho para gente estar aqui hoje, o que temos hoje é porque já enfrentamos muitas dificuldades sempre financeiro, transporte e educação, para mim ler e escrever tive que frequentar a aula a noite para poder aprender ler, não tinha professor, pai não tinha condições de pagar aulas particular a minha trajetória, não só minha mais de muitos dessa época, foi de muita dificuldade. Mais ou menos em 1964 chegou a radiofônica por conta do MEB onde o seu Antenor Pereira Pinto era o monitor, ele ministrava a aula a noite, houve uns professores que passaram de passagem antes da rádio Fônica como dona Anita, Maria Pereira, dona Zinha irmã da dona Paula. Nesse tempo a prioridade era o trabalho na roça. Trabalhava ao dia e estudava a noite entrando as 19 horas e

saindo as 22horas. Aprendeu ler e escrever chegando até a 5º série através da rádio Fônica.

Os antigos moradores aqui foram o João Pedro (Moró), Galdino, Patrício morou por muito tempo onde hoje é o terreno do Moura, na vila dos Batistas morava o Pai da dona Silvina o Pedro Batista, no terreno da Raimunda morou o sr. Boa Ventura e Ursulina, a Luiza (irmã do Boa Ventura).

Tinha o Artumar, Dara (mãe do Júlio, morador da comunidade).

Na divisa do igarapé do Murumurutuba e Bom Jardim morou um senhor chamado Gerson, parece que veio do Ituqui era um morador antigo irmão do Carlos Antônio.

Tinha dona Alzira mãe do Nonato Souza.

João Seringueiro uma liderança muito importante na comunidade morou em cima da serra onde hoje é conhecida como serra do seringueiro.

A cultura foi se perdendo ao longo dos tempos, lembro que cantava muitas músicas do cardeal (dança do Pássaro que se fazia mês de junho e julho) dançavam por aí, hoje só tem a quadrilha com outras gerações e modernidades.”

MARIA ALEXANDRINA PEREIRA PINTO

Figura 34 - Maria Alexandrina



Fonte: Cristiane Marinho (2018)

Filha de Maximiana Bentes, nasceu na comunidade e ficou até os 15 anos de idade. Saiu para trabalhar em Belém do Pará por causa de conflitos com seu padrasto. Quando foi, deixou seu namorado Manoel de Jesus Pinto (Manduca) prometendo voltar para casar-se com ele, o tempo passou e 10 anos depois voltou casou-se com ele teve sete filhos e hoje com 92 anos tem netos e bisnetos. Falou que quando era criança morava com sua mãe onde hoje tem umas mangueiras na extrema da dona Nilma Dolzane Bio. Na sua casa tem uma imagem de São Sebastião, essa imagem é uma que veio do Saracura trazida por Mariquinha, mãe de Flauzina de Jesus Pinto

que é viúva do irmão do falecido esposo de dona Alexandrina. Essa imagem tinha sido doada para igreja, mais no dia da primeira missa o padre trouxe uma outra maior de Mojui e substituíram, deixando essa de lado, essa imagem passou um tempo na escola, quebrou um braço e hoje ela guarda em sua casa, ela fala que Dona Paula era quem cuidava das festas do Santo. Não se lembra de muitas coisas devido a sua idade.

SILVINA SILVA SANTOS

Figura 35 - Silvina Silva Santos



Fonte: Silvina (2019)

Nascida em Murumurutuba no ano de 1943, filha de Maria Rufina e Pedro Batista. Contou que no ano que sua mãe chegou com sua avó Doca, Lixandrinia ainda existia índios na serra acima de sua atual casa, não quiseram contato, então abandonaram suas casas deixando alguns objetos como: panela de barro, alguidar, peneira. Seu bisavô, pai de seu avô morava no Nova Vista do Ituqui então olhou e viu essas terras e pensou que seria bom sair da várzea pra terra firme, onde a terra seria boa para plantar e viver bem. Quando vieram não tinha igreja, não tinham pessoas onde hoje é a vila Batista. Sua primeira casa foi na parte da serra, sua mãe carregava água para o consumo, aos sete anos de idade dona Silvina disse que lembra que seu

pai Pedro Batista resolveu descer mais um pouco e fez uma casa onde hoje é a casa do seu filho Nico, porque era mais próximo a fonte de água. Existiam uns moradores chamados Nhuca, Ricarda, e o pai do Manduca. Lembra que sua mãe não a deixava sair para brincar.

RAIMUNDA PEREIRA DOS SANTOS

Figura 36 - Raimunda Pereira.



Fonte: Acervo do projeto (2019)

Figura 37- No quintal com dona Raimunda, Patrícia Marinho, Aninha e eu.



Fonte: Acervo pessoal (2022)

A entrevista foi feita no dia 14 de outubro de 2022. Sendo realizada por Rafaela Pinto e Patrícia Marinho, na residência de Dona Raimunda Pereira.

Meu avô dizia assim: olha resguarde de filho, tem que tomar muito cuidado, ele dizia. Porque doença que se adquire no resguarde nunca mais fica bom. E aí ele dizia assim: água amanhecida do dia pro outro, que fica no pote não pode pegar, mulher de resguarde não pode pegar. Eu era nova naquele tempo, tava com meus 17, 18 anos. Aí eu tive um filho, aí de manhã eu fez, o que era pra fazer né, tirei a água do pote, e coloquei na vasilha, em cima do giral né. Eu esqueci que aquela água era do outro dia, aí eu fui lavar a vasilha, rapaz foi pouco tempo, quando eu meti a mão naquela água, parece que subiu assim um negócio do meu lombo pro pé do meu pescoço. E começou uma dor de cabeça, nisso aqui do pé do meu pescoço. E aquela dor foi, tão rápido aquela dor foi aumentando, que depois eu já tava tesa, não podia olhar nem prum lado nem pro outro. Aí ele chegou, tava pra roça, eu disse rapá eu tô aperriada com uma dor de cabeça aqui, não sei se foi porque eu meti minha mão na água que tava amanhecida, mas eu não tô podendo virar meu pescoço.

Aí parece que deu aquele toque nele assim: não tem álcool aí? Aí eu disse: tem. Passa um pouco de álcool na tua cabeça, quem sabe não é bom, aí eu passei

álcool, aquilo parece que foi aliviando. Eu disse pra ele, olha se não passa essa dor rapidinho eu acho que ia ficar doida.

Rafaela- **A senhora nasceu aqui mesmo dona Raimunda? Nasci. A dona Ursulina também nasceu aqui? Também, nasceu aqui, somos tudo do murumurutuba. Só seu pai que veio então? Isso, só meu pai que veio. O seu Laurir nasceu aqui? Não, ele nasceu lá no Imbobal, que é lá fora numa ilha, na várzea, eles tinham a várzea e a colônia, que era lá pra banda do Zé Paixão, lá em cima, pra banda do JP. O Zé paixão já morou pra essas terras então? Já, a maior parte de terra de cima era dele, do Zé Paixão.**

A senhora lembra que tempo o vovô Zé Pinto veio pra cá? Quando a senhora nasceu ele já estava aqui? Sim, já tava aqui. Não tenho conhecimento, só lembro que ele já tava aqui, aí perto da onde é a fazenda do Careca. Ele morava pro lado de cima da estrada, depois eles baixaram, moraram pro lado da beira, aí moraram já aqui quase do com a extrema com o Alúzio.

Patrícia- **a senhora é filha da dona Ursulina e seu Saturnino, eles tiveram quantos filhos? A mamãe com ele? Sou filha única. Mas ele teve com outra mulher, a dona neném que é a mãe da Maria Lúcia. Rafaela- A Maria Lúcia é sua irmã? Não, não é filha do Satuca também, o pai dela era outra pessoa. Rafaela- Então o seu Satuca teve só a senhora? Não, o Sérgio é filho dele, com a mãe da Maria Lúcia, o Sérgio e a Selma, são meus irmãos, por parte de pai. A mamãe só teve eu. Tem muita gente que se admira, que não sabia que eu era irmã do Sérgio. O nome da mãe deles é dona Plácides, que é a mãe da Maria Lúcia. A Maria Lúcia é filha dum homem que se chamava Laurizão, que era marido da dona Branca. Rafaela- **porque a gente quer entender este histórico de ocupação, e entender as famílias, porque quem vem de fora custa entender.****

Pois é, o Adelson, ele diz que é um dom pra puxar as pessoas, não sei, é aquilo que a gente diz, é a fé, quem cura é a fé. Ele puxa a dor que tá nos osso, coloca no lugar. Porque antigamente tinha essas pessoas, tinha aquele que fazia essa pajelança, e tinha aquela pessoa que era só pra ajeitar o osso mesmo. "ah desmentiu meu dedo" chama uma pessoa pra ajeitar aqui. Aí naquele tempo tinha as parteiras, que a gente não ia pra Santarém, tinha tudo em casa. **Quem era a parteira da época? Era a dona Raimundinha, vó da Maria Lúcia, era a de fé daquele tempo, era ela. Era**

uma velhinha baixinha, mas era boa, parteira mesmo, quando ela chagava já tinha fé nela né. ela chegava se passase a mão na barriga da gente, já sabia como é que tava a criança. A filha dela, a mãe da Maria Lúcia, também era parteira, mas não chegava nos pés dela. A velhinha era boa parteira. Aí depois dela ficou a Maria Rufina, da vila Batista, aí foi se acabando. Hoje ninguém mais tem filho por aqui, vai embora pra cidade. Eu tive sete ainda tive aqui em casa, e outros sete eu tive no hospital. E hoje, eu não sei se por causa de tratamento, quando eu comecei a minha menopausa, me deu uma dor de cabeça tão grande, que pra mim se fosse arriar meu pé no chão, meu miolo ia cair, de tanta dor de cabeça. Aí eu fui no médico, no que eu entrei, contei pra ele, ele disse: quantos filhos você teve? Aí eu disse, você guardou bem o seu resgarde? aí eu disse um pouco né. Ele disse se você não guardou bem seu resgarde, você vai sofrer agora na menopausa, agora se guardou. E graças a Deus, sentir aquela dor só de início.

A senhora é de que ano dona Raimunda? *Sou de 1953. E da sua mãe?* *Não lembro do ano, só lembro a data do nascimento 27 de outubro. E do seu pai?* *Não lembro. Meu pai mesmo era o Saturnino Siqueira. Seu Boaventura era seu avô, pai da Ursulina?* *Isso, era meu avô, pai da mamãe.*

Ele que veio diretamente da África? *Isso, foi. Ele contava pra nós que ele veio com as pais dele tudo solteiro ainda, ele veio, eram cinco irmãos, três irmãos homens e duas mulheres. E aí como eles vieram no fundo do navio, aí deixaram eles lá no Tatu, que é lá no, nova vista. Patrícia- **Separaram eles lá?** *Isso, deixaram eles lá. E aí nessa barcada, veio ele, veio ali, o pai do Pedro Batista, que é ali a família dos Batistas. E aí eles vieram tudo junto nessa viagem, e aí quando chegaram aqui, eles disseram que ficaram no Ituqui, e um dia vieram pra cá atrás de terra pra trabalhar. Aí eles chegaram pra cá, não tinha ninguém nessa área. Aí eles tiram, que essa área daqui até lá perto do Sacramenta (campo de futebol) tudo eles tiraram pra eles, irmãos né. Tiraram aqui em baixo, e tiraram lá em cima também, que era outro irmão dele que foi pra lá, o finado Amâncio, que era o pai do Laurir. Aí tiraram pra lá uma porcentagem de terra, não tinha ninguém pra lá né. E aí eles ficaram nessa. E aqui eles ficaram subindo pro centro, fizeram uma estrada pra eles irem pro roçado. E aí, só com dos tempos, eles começaram a ver um sinal na, quando eles iam pra subir pro centro, eles encontravam assim, uma cruz vermelha na estrada. Aí eles disseram, isso**

aqui só pode ser índio. Aí vendo aqueles sinais, não era pra ninguém passar né, aí eles voltavam, imbora.

Aí quando ele dizia, tinha vez que eles ouviam muitas zuadas lá em cima, da serra. Eles ficavam com medo, pegavam as canoas e dobravam de volta pro Ituqui. Porque lá do Ituqui a gente olha enxerga tudinho essa mata pra cá né. Aí ele disse que de lá eles viam né, de manhã a fumaça que saia lá em cima deles né. Aí eles sabiam que eles estavam ainda aí né. e assim sempre quando eles vinham, quando eles iam pra lá trabalhar, eles encontravam essa cruz vermelha, eles baixavam. Tinha vez que eles não encontravam, então sabiam que tava livre pra eles passarem, passavo. E aí teve um dia que, eles tavam aqui em baixo, ouviram uma zuada muito grande pra i, tipo um festejo, muita zuada, muito grito pra lá. E eles ficaram com medo, pegaram a canoa e foram embora pra nova Vista. Ficaram pra lá e de lá eles olhavam. Passou uns dias eles não viram mais fumaça de manhã né. Aí eles vieram de novo, subiram chegaram lá, tudo silencio. Era só pedaço de vasilha, que tava quebrada, eles tinham quebrado. Nesse dia que eles ouviram essa zuada, eles tavam saindo né, fazendo uma mudança.

*Rafaela- **Era nas terras da dona Silvina?** Era. Aqui em cima, porque essa área aqui, daqui, lá em cima é terra preta. Aí ele disse que não ouviram mais nada deles, só esse quebradeiro que eles acharam. Aí eles passaram a trabalhar tranquilo, eles ficaram aí perto pra trabalhar. **Patrícia- E eles trabalhavam em quê?** Na roça, fazendo roçado pra plantar mandioca, feijão, milho, tudo eles plantavam.*

***Então só pra mim entender. Boa Ventura, Amâncio.** Lauriano, Mariazinha e a finada Josefa. A Josefa era a Mãe do mundão que chamavam, que é a vó do Tipé. **O Antônio canso, não é irmão do Boa Ventura?** Não, não, ele é da família do Pedro Batista. Só que eles vieram tudo junto, numa barcada só.*

***E da Catarina, a senhora tem informações, de onde que ela vem?** A Catarina a mãe dela era filha do meu avô, o Boa Ventura. A outra família lá do Saracura. **A senhora lembra dos filhos do seu Boa Ventura?** Ursulina e Raimunda Pereira. **Era a mãe da Catarina?** Não, a mãe da mamãe só teve duas filhas, a Ursulina e a Antônia. **E essa Raimunda Pereira quem era?** Era a mãe da mamãe. A Luiza Catarina que é a mãe da mariinha, ela vem de outra família, de outra família, do Boa Ventura com outra família lá do Saracura. Do Boa Ventura, com outra Raimunda*

*lá do Saracura, ele gostava das Raimundas (ela sorrir ao lembrar). Boa Ventura com a Raimunda Pereira, tiveram a Antônia e a Ursulina. E Boa Ventura com a outra Raimunda, lá do Saracura, ele teve a Luíza e o Francisco. A Luíza é a mãe da Maria Joaquina, Maria Catarina, Luíz e João Tarubá que chamavam. A Catarina é neta do Boa Ventura. **A senhora era prima da Catarina?** Sim, é porque é assim, a tia Luiza era filha dele com essa mulher do Saracura. Aí depois que ela se formou, que ficou grande, aí ela veio embora pra cá, a Luiza né. Aí chegou pra cá, ela já tinha a Catarina. Que é os filhos mais velhos dela, ela já veio trazendo, que é a Catarina, o João Tarubá e o Luis. Aí chegou aqui, ela andava com essas crianças, ela parava, ali na casa da mãe da tia Mariazinha, que era irmã do meu avô. Lá perto da casa da Ricarda, lá naquele terreno que o Aleide mora, que eles compraram da tia Ricarda. Era lá que eles moravam. Então ela vinha pra lá, ela morava com ela pra lá. Como ela era meio esquentada, de vez em quando ela brigava com eles lá, ela ia embora pra casa do Zé Paixão, pra lá com a Vita, que era a mulher do Zé Paixão. Ela ficava nisso né, pra lá, pra cá. Aí o papai, não gostava disque dela. A mamãe contava que porque, quando ela parou com ele ela ainda não tinha filho. Aí o primeiro filho dela que ela arrumou, ele queria saber, quem era o pai.*

E aí como ela queria casar com um caboco, que não queria ela, ela disse que o filho era do caboco. E aí o papai foi pra cima deles, quase ele degola ele com narvalha, que nesses tempos eles tiravam barba com. Aí quando eles viram que o negócio tava feio, eles abriram o jogo, e disseram, que não era ele o pai do filho dela. E aí ele ficou com raiva dela por isso. Ele disse que quase tinha sido um assassino, por mentira dela. Aí ela ficou assim né, bolando. Aí um dia a mamãe me disse pra ele: papai se a Luiza tem direito é sua filha, porque o senhor não tira um pedaço da terra e dar pra ela, fazer a casa dela. Aí ele disse: tu acha? aí ela disse: eu acho. Ele disse: é porque por mim ela não ganha nada, que eu não ia dar nada pra ela. Ela disse, é mais ela tem direito, o senhor dá um pedaço pra ela. A parte do terreno dele era 30 metros, aí da mãe das duas era 30 também. E aí ele disse, é então tu acha que eu deva dá um pedaço de terra então vou dar. A mãe disse, é, se a sua parte não é trinta braça? Então é 10 metros pra mim, 10 pra Antônia, e 10 pra ela. Aí ele tirou 10 braças pra ela, que onde é hoje o terreno dela. A primeira casa dela era aqui pra beira, aí depois ela fez essa pra ir. Aí é essa confusão da Pirrica, porque ela queria que o mesmo tanto a mamãe tem com a tia Antônia, fosse a da tia Luiza também. Só que a

tia Luiza só tinha a parte do meu avô, a parte da mãe dela é lá pro Saracura. E a mamãe com a tia Antônia, tinha a parte do meu avô e da mãe delas, as duas tinha 20 braças cada uma.

Patrícia- **E do tempo do vô dela né, tinham os indígenas aqui, os quilombolas. Esse tempo que curava tudo com remédio. Como que era a religiosidade, as crenças do povo? É, nesse tempo o que a gente acreditava muito era em curador, que era o pajé. Que tinha bem aqui na nossa comunidade. Inclusive o tio dela né o Zé Pinto. Ele fazia isso né de curar as pessoas, fazer as pajelanças toda né, ele fazia.** Rafaela- **A senhora se consultou alguma vez com ele? Consultei, a gente ia lá, qualquer coisa que adoecia a gente ia com o Zé Pinto. Aí tinha aquelas pessoas, que incorporavam, pegavam espírito, iam pra lá pro Zé Pinto. Aí faziam os trabalhos, incorporavam os espíritos, até um tempo desse eu tava me lembrando, veio na minha lembrança né as músicas dos pajé. Dos espíritos né que cantavam no corpo dele, eu fui experimentar cantar pra ver se lembrava tudo.** Rafaela- **E a senhora lembra? Só um pedaço que eu me lembro dum né, que era o mestre Pedro né.**

Patrícia- **Mestre Pedro era entidade que recebia ou a pajelança?**

Era a entidade, que incorporava nele. E aí eu tava lembrando, eu digo, mais tinha uma música que os espírito do Zé Pinto cantavam, um pedaço que ele cantava: São Pedro e São Paulo, ajude a Jesus...Jesus de Nazaré

E aí daí e pronto, ele cantava, quase todos eles, tinha a música deles né. Eu digo, a gente já passemos por tudo isso né. E tinha ele como curandeiro, que tudo que a gente adoecia. Eu fico pensando, como que existia e agora não existe mais né. Porque naquele tempo a gente não podia sair daqui menstruada, que já lá adiante, o espírito judiava da gente. Já vinha de lá pulando, quando não, vinha com dor de cabeça, era febre. E aí, ia pro Zé Pinto, fazer trabalho que ele chamava. Zé Pinto incorporava, que o espírito falava, defumava, fazia aquelas coisas, ficava boa (dona Raimunda sorrir ao lembrar deste fato), e hoje não existe, mulher anda por aí, toma banho, qualquer coisa. Aqui nós tinha o Zé Pinto, hoje nó só tem, quem faz essas coisas, só a Nilma, que tem ainda.

Patrícia- **Quilombola ela? Ela é indígena, mais se assumiu como quilombola.**

Aí lá no Bom Jardim tinha a Maria Geralda, que também era uma curandeira muito forte naquele tempo, pra quem acreditava naquele tempo. As vez a gente ia pra lá com a mamãe, que a mamãe naquele tempo era muito doentia. A gente ia pra lá, dava muita gente na casa dela. ela tinha um barracãozão grande, que aquilo era cheio de gente que vinham se tratar. Tratava de feridas da perna, que as vezes não sarava, e ela dava vomitório, aquela coisa que provocavam, tudo que era tipo de tratamento ela fazia. Aí o que mais me chamava atenção, era que as vez ela tava lá, aí chegava um corno pulando aqui, ela dizendo, e eu vou me embora pro lago, ela tinha um vicio de pescar. Botava os caniços no ombro e eia embora pro lago, nem demorava chegava gente lá. Buscar ela, quando não já levava na rede amarrado, pra levar pra ela, lá na casa dela. Aí o marido ainda tinha o trabalho de ir no lago, atrás dela no lado, pra vim buscar ela, pra vim fazer o tratamento.

Rafaela- Tinha também dança dançavam? Que a gente sabe né, alguns dançam, lá tinha a questão de dança? *Não, só era mesmo a pajelança, da cura mesmo. E aí de lá é que surgio esses remédios. Ensinavam esses banhos, essas folharadas que a gente fazia os banhos né. **Patrícia- E a senhora aprendeu? É, e aí a gente fazia e se dava bem, com a fé né. Quem cura é a fé, ficava boa. **Patrícia- Mais a senhora aprendeu a mexer com folha assim com sua mãe? É, com a minha mãe, com meu avô. A gente aprendeu, quase todos nós desse tempo, a gente sabe né, desses remédios, desses banhos, era o que eles usavam. Hoje eu digo assim, quando dizem, antigamente não tinha essas doenças, eu digo, olha eu acho que já tinha, só que a gente não tinha como descobrir. A mãe dele (Do seu esposo, seu Laurir) por exemplo. A mãe dele morreu rápido, se sufocou e pá pronto morreu, que foi aquilo? Foi infarto, mais como não tinha essas coisas, medicina, pra descobrir o que era, ah morreu rápido, ninguém sabe o que foi.*****

E aí era assim que ia passando. Aí quando dava uma doença, que dava tempo de fazer esses banhos, pegava derrame que chamavam, não levava pra médico não levava pra nada. O quê que eles faziam, o gergelim preto com banha do jacaré, essas outras banhas, banha de girassol, um monte de coisa, faziam aquela fricção. Batia tudo aquilo, fritava na banha, e botava, fazia uma boneca assim de pano, e botava aquela coisa tudinho, em dentro dum coisa de pano, e ia passando no corpo da pessoa, quente, quente que era pra matar a doença. Só que aquela pessoa, que fazia

aquele trabalho, não metia a mão na água fria. Eles tratavam desse jeito o derrame, ficava bom.

*Pois é eles tiraram essa aqui, daí dessa extrema que é dos Pinto. Esse pedaço até lá no Pedro Batista, tudo era de dois irmãos. Eles se dividiram , papai ficou com essa área aqui. E o Lauriano, que era da tia Josefa, tiraram essa parte aí que é do Moura aqui, o terreno da Josefa que era deles. Rafaela- **Que é o terreno da Gracinha? É por isso então que entra essas outras pessoas aqui, porque eles venderam o terreno? É, eles venderam. E o seu marido o seu Laurir ele então era seu primo? Sim ele era meu primo, terceiro primo, o pai dele era irmão do meu avô. E a senhora sabe o nome da mãe do seu Laurir? Era Maria Henriqueta, ela é indígena, lá do Igarapé-Açu. A mãe do Laurir, é esposa do Amâncio.***

*Rafaela- **Gostaria que a senhora falasse do movimento quilombola. A senhora é uma das pioneiras do movimento quilombola, aqui do Murumurutuba. Sendo mulher, e está aí na frente, pra hoje estar estruturado esse movimento aí. É, o nosso movimento, começou. Primeiramente nós da comunidade, nos reunimos pra formar, uma associação de moradores, bora formar uma associação de moradores. As outras comunidades estão achando melhor trabalhar com associação, do que o presidente da comunidade, não era uma associação, era o presidente da comunidade que tinha. Aí tá, começamo a reunir, pra amadurecer as ideias. Aí nos reunimos umas quatro vezes, e aí foi que o seu Elias apareceu, aí dizendo que ele tinha participado de uma assembleia em Brasília, e tinha descoberto que, essas comunidades aqui, tudo era quilombola. E aí que, ele achava, que era melhor que fosse alguém daqui, participar de uma assembleia que ia ter pra lá, era bom que eles fossem. Patrícia- **Você lembra que que ano foi isso? isso foi em 99. Aí foi daqui o compadre Antônio, lá do Bom Jardim foi o Dileudo, do Muru foi o compadre Jone, e Tiningú foi o Bena. Eles foram pra lé né, participaram e vieram confirmando, que realmente tava lá mesmo, dizendo que as nossas comunidades, tudo era quilombolas?*****

*Rafaela- **E esse seu Elias, já tinha contato com o povo daqui, ou ele ouviu lá? Ele sempre participou desses movimentos né. E aí quando tinha essas coisas em Brasília, ele participava. Rafaela-É igual o filho dele também, que é enganjado no movimento negro em Santarém, que é a Alessandra Caripuna, e o esposo dela***

O Bruno. *E aí eles vieram, e pronto, tá confirmado mesmo. Tá confirmado que nós somos de comunidade quilombola. Aí foi descoberto que lá no Bom Jardim era uma fazenda dos escravos, e que essa fazenda o Bom Jardim, os senhores doou a terra pra pessoa lá, que era mais antiga da comunidade, a terra dos quilombolas. A terra dos negros né, que eles trabalhavam com cacau. E também, isso aqui tudinho era um cacau, desde o Bom Jardim até o Tiningú, era uma fazenda enorme.*

Patrícia- **E aí o que aconteceu com a fazenda, porque que ficou com os negros?** *A família foi embora. Aí doou pra eles pro Bom Jardim, e eles ficaram como donos dessa fazenda, e depois acho que dividiram né. E foi fazendo essa familiarização de quilombola né. E aí nos começamos a fazer a reunião, já pra fazer uma comunidade, uma associação quilombola. E aí pra fundar essa associação, quem veio nos ajudar foi o Silvano, e o Daniel de Oriximiná, que eles já trabalhavam lá com a comunidade quilombola. E aí ele veio e disse, olha agora vai ter uma assembleia, no Saracura, que vocês precisam participar, que vai ser em cima de quilombola. E nesse também, nós não tava muito acreditando né, aí foi o Nato que foi. Aí veio de lá dizendo que tinha dado muita gente, muita coisa boa, que tinham falado. E aí começemo a reunir no Bom Jardim, aí de dois em dois meses nos reunia no Bom Jardim. E os dois vinham e acompanhavam a gente, o Daniel e o Silvano. E daí, surgiu, formamos a associação, formamo a comissão a liderança toda, e formamo a associação.*

Rafaela- **Mais antes disso a Federação, ainda não existia né dona Raimunda?** *Não. Como o trabalho foi desenvolvendo, não tinha onde se reunir, nós ia pra Santarém, nos reunia pela beira da calçada, por debaixo daquelas mangueiras. Nós marcava reunião com certas pessoas, que vinham dá esclarecimento pra gente, a gente não tinha como alugar um local pra se reunir, nó ia lá pra São Sebastião, nos reunia por lá. Cada 8m dava uma coleta pra comprar o café, pra comprar o almoço. E assim a gente foi levando né, quando começou a se juntar mais, a gente já alugava uma casinha ali, pra gente reunir né, na cidade. E assim a gente foi levando a associação. E aí depois apareceu o Padre Alex, que é lá de Monte Alegre. Aí ele apareceu nos Franciscanos, que ele era padre Franciscano. Aí eles se entrosou com a gente, começou participar.*

É, vamos botar o padre Alex pra conduzir a gente, que tem mais saber, tem mais uma sabedoria né, pra descobrir por onde são os caminhos. E aí ele se enganjou com nós. E tava indo muito bem, ele não sabia esclarecer as coisas, mais ele tinha um contato com gente lá de fora, Brasília, São Paulo. Vinha Ministério Público de lá, que conseguia trazer, pra trazer esclarecimento pra gente. E com isso a gente foi levantando com a ajuda dele. E aí ele começou a ser marcado, porque naquele tempo, ninguém conhecia o que era ser quilombola. E aí começou a ficar meio pesado né, as pessoas, começaram a ficara brabo, porque tavam inventando essas coisas de quilombola, que isso não existia. Aí ele vinha pra fazer reunião com a gente, e um tempo ele reuniu com a gente o dia todo, e quando ele saiu, quando chegou lá em frente, já pra passar daqui pro Bom Jardim né, ele encontrou uma barreira lá. Ele era acostumado né, ele sentiu que aquilo, era uma espera pra ele. Aí ele voltou, veio, disse pra nós que ele não conseguiu passar lá. Ele achava que aquilo era um espera pra ele.

*E aí nós fomos lá, nós se juntamos, e passamos ele lá pro Bom Jardim, e graças Deus nós passamos numa boa, e não se manifestaram. Mais ele disse que se ele tivesse tentado atravessar só ele, tinham pegado ele. Patrícia- **E quem eram esses que queriam pegar ele?** Eram os moradores mesmo, que tinham vindo da várzea, tava no tempo da enchente. É o que tô dizendo, naquele tempo eles não sabiam, o que era ser quilombola. Então eles tentavam impedir de outra maneira, eles diziam que era a gente que tinha inventado esse negócio de quilombola, que isso não existia, que era pra tomar terra dos outros. Então era isso que rolava muito. E aí então, ficou muito pesado. E aí pra nossa primeira associação, a coordenação que nós fundamos a associação aqui. O primeiro presidente, foi eu e o Azemar. Azemar foi presidente, e eu foi a vice.*

E quando formamos a associação, e agora quem será o presidente? Ninguém quer ser o presidente. Não queria, porque ninguém sabia, o que era ser quilombola mesmo né. Aí tá, bora lá, a Raimunda e o Azemar pra ser presidente, ta bom bora. Mais nesse tempo a gente enfrentou muita coisa, teve muita ameaças. Porque o povo não entendia, e aí em cima disso, a gente começou a trabalhar, em comunidade. Aí o padre sugeriu que seria bom a gente fazer, a associação e fazer uma Federação.

Patrícia- **Então tem todo um processo de associação e federação? A associação quilombola é que ano mais ou menos? Demorou uns anos pra passar pra Federação.** Rafaela- **o estatuto diz julho de 2003, foi fundada a associação.**

A federação tá mais pra frente. E daí da associação ele disse que seria bom fundarmos uma Federação, porque tinha mais peso, e pra ter mais conhecimento, e aí foi fundada. E aí foi aquele estudo todo, como vai ficar? Vai ser uma federação coletiva ou individual? Cada um com sua titulação, ou só um documento pra todas as terras né, só um território. E aí foi discutido, e chegemo, que a federação sendo a mãe de todas as comunidades quilombolas né, e a titulação que viesse pra cada um individual. E aí foi que a gente começamo a trabalhar, essa parte aí. E foi fundada a federação, que tem até hoje.

Nesta parte dona Raimunda fala de uma manifestação que eles participaram em Santarém.

*E aí o ministério Público chegou, e disse, o quê que a gente faz agora, o que vocês querem que faça agora. Aí entrou os donos da olaria né. disse: nós não vamos querer a reunião aqui dentro, que era o salão da olaria, nós vamos querer que essa reunião saia lá pra fora, porque aqui não vai cabir o povo. E aí o Ministério Público, bora bora, todo mundo pra dentro. E aí agora vocês tem que dizer pra eles que a reunião, o dono da reunião são vocês, não é eles, e vocês chamaram os donos da olaria, não foi os trabalhadores. Aí fomo pra cima também. Aí eles falaram, vamos acertar logo essa reunião. e aí como nós não abrimos. Patrícia- **Sáiram pra fora?** Não, nós ficamos lá dentro. E aí botamo pra cima, e o foi o Ministério Público, ia lá e fiscalizava. E quando sabia que tinha barco lá, avisava o INCRA, o INCRA ia pra SEMA. Prenderam barco pra lá, prenderam tirador de barro, acabemo com a tiração de barro de lá. Hoje eles vivem sossegados lá. Então a gente trabalhava assim né. Se uma comunidade, tava com problema, a gente ia todo mundo.*

E aí o Azemar é desse tempo, e eu tava dizendo pro Joilson, só que hoje o povo tá ficando muito acomodado. Num tem mais aquela garra de ir pra cima, de vamo lá né. E aí o Joilson disse, é tá faltando mesmo, isso. e o Azemar é desse tempo, tanto é que nós se candidatamo de novo, eu ,ele de novo. E aí formamo uma coordenação. E aí com muita coisa que a gente passamo, sempre assim, como da frente mesmo né. Então a gente achou muita coisa irregular que tava ali dentro. E a gente começou

mexer aquilo. Aí deixou muita coisa, os gados que a gente tinha proibido, aí deixou baxar de novo. Aí hoje tô sabendo, que até búfalo já tem aí fora. E assim foi acabando as coisas de novo, as conquistas. E o Azemar tava com a gente.

Eu digo, olha nossos grupos de mulheres tava bem vivo mesmo, porque ele era uma pessoa que incentivava muito a gente, ajudava tava ali. E aí ele pediu uma licença pra sair até dezembro. Aí entrou o vice dele, mais o vice ele é professor, trabalha com escola, trabalha na SEMED. Aí o nosso grupo de mulheres também dispersou.

Aí depois que o povo começaram a entender o que, que era quilombola. Aí as coisas forma ficando mais manso também. Porque logo no começo, houve ameaça, deixavam bilhete na estrada ameaçando os outros. Até o cumpadre Antônio foi ameaçado, quase todo mundo daquela coordenação foi ameaçado. Aí depois não, eles começaram a entender e começaram a respeitar também. Mas agora também, ficou muito solto, que agora vai ser outro trabalho, pra ajeitar de novo.

Patrícia- E as delimitações das terras, esse marco de delimitação, estaca, cerca, tem tudo isso? Tem. Tem marco do INCRA. Esse terreno da Sônia, que é um terreno grande aí, ele, era onde a gente tinha mais medo de mexer era aí. Que ela era uma fazendeira forte. Mais graças a Deus, que tudo que Ele faz é bom, tudo é bem ajeitado. Que aí ela passou a trabalhar no INCRA. Ela é promotora, e passou a trabalhar no INCRA. Hoje as vezes, quando o pessoal tão com dificuldade, que passo lá, ela já incentiva, se já se associou na associação pra ter direito. Porque, olha, o Nelton. Agora com esse CAR, que veio pra ser tirado né. então que nós fomo saber, no dia que o pessoal veio aí pra tirar o CAR, pra fazer o levantamento do CAR. E aí, ele tava na reunião, e ele disse que queria tirar o CAR. Porque ele tava imprensado com o gado dele, não podia sair, nem podia vender. E aí ele disse que andou por todo canto, e a última pessoa que ele foi, foi com ela, pra ver se ela dava um jeito pra ele passar, tirar o gado dele pra vender, pra sair. Ela perguntou pra ele: tu é sócio da associação? Aí ele disse: não. Então volte e vá se associar, porque se você não se associar, não tem como você não tem direito de tirar o seu gado. Então hoje ela já ajuda até. Então, ela não mexeu mais na área dela, não fez mais nada, porque ela sabe que não adianta mais né, tá dentro da área quilombola.

*Lá desse do sojeiro, que é a extrema lá com o Bom Jardim, tá com uns três anos, que o pessoal que vive lá, de lá do São Raimundo. O rapaz me disse que até hoje ele não sabe, eles sabem que eles receberam uma carta do INCRA. E aí ele disse que eles receberam essa carta, e eles se arrumaram tão rápido, que eles saíram daí de noite. Patrícia- **Os sojeiros?** Os sojeiros. Eles cismam que essa carta veio do Palmares, pra desocupara a área dos quilombolas, eles acham, porque dizem que saíram correndo com tudo.*